

O PENSAMENTO

**VAISHYAVA**

UMA FILOSOFIA PARA A IOGA

BHUVANA MOHAN DAS



10,00

O PENSAMENTO  
VAISNAVA

---

UMA FILOSOFIA PARA A IOGA

---

BHUVANA MOHAN DAS

---

© Copyright, Angelo Hodick  
Edição do autor

1ª edição - Novembro de 1993

2ª edição - Dezembro de 1994

Endereço para correspondência:  
Caucaia do Alto - Posta Restante  
Cep. 06720-000 - Cotia - SP

*impresso pela*

**GRÁFICA  
SCORTECCI**

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP  
CEP 05422-970 - Tel.: (011) 210 1179  
JS 1586 - Dezembro de 1994 - 2ª edição

## SUMÁRIO

---

- 5 Introdução
- 11 O Brahman
- 23 O Paramatma
- 31 O Bhagavan
- 41 O Vaisnava
- 49 A morte
- 59 Maya
- 65 Yoga
- 75 Dharma
- 91 A Criação

*a meus mestres espirituais,  
Srila Prabhupada  
e Srila Sridhar Maharaj*

## INTRODUÇÃO

---

Tendo ouvido de meus Mestres Espirituais, Srila Prabhupada e Srila Sridhar Maharaj, a respeito dos principais conceitos da eterna tradição *Vaisnava* da Índia milenar védica, por sua ordem e inspiração pohnho-me a dissertar e comentar sobre assuntos tão elevados. Tive a fortuna de conhecê-los pessoalmente e de ser por eles iniciado no vaisnavismo, agraciado por seu amor, seu conhecimento e suas vivências profundas, o que, com certeza, deu-se por sua graça imotivada e compaixão.

Nada do que apresento aos dignos leitores é de minha propriedade nem nasceu de minha inteligência ou é resultado de minha especulação filosófica.

O pensamento *Vaisnava* é o maior tesouro da humanidade e a mais rica propriedade universal, cujo acesso é velado e oculto tão-somente pelas limitações do ego mesclado à arrogância e ao desejo de exploração.

Não desejo pertencer ao grupo dos que ousam ir em busca do Absoluto armados de seus intelectos insignificantes e falhos e de um parco fundo de conhecimento.

Não quero ser o infinitesimal pensando poder comprimir o Infinito dentro dos microscópicos compartimentos de sua inteligência. Prefiro, pelo contrá-

rio, deixar-me tocar pela graça descendente que, por meio de meus Gurus *Vaisnavas*, concede genuínas vivências da Suprema Personalidade de Deus. Este é meu intuito honesto.

Diante da magnífica inteligência espiritual teísta de meus mestres e de suas brilhantes qualidades e virtudes divinas, pude perceber minha desqualificação e, não mais tendo como alimentar o falso ego, sobrou-me, apenas, a posição humilde do admirador e discípulo que toma uma palha entre os dentes e se prostra, submisso, ansiando poder vir a ser um seu instrumento útil.

Os mesmos tópicos abordados neste livro, à guisa de introdução, são descritos, em profundidade, nas escrituras *Vaisnavas* e em seus comentários autoritativos revelados por meus divinos Mestres: o *Bhagavad-gita*, o *Srimad-Bhagavatam*, o *Chaitanya-Charitamrita*, o *Upadesamrita*, o *Brhat-Bhagavatamrita*, e outros. É nestes que podemos vir a conhecer, em profundidade, as idéias sobre *Brahman*, *Paramatma*, *Bhagavan*, *Yoga*, *Morte*, *Reencarnação*, *Karma*, *Consciência*, *Krsna*, *Maya*, *Vedas*, *Guru*, *Vaisnava*, *Prema* etc., parte do vocabulário íntimo da cultura *Vaisnava* da Índia milenar e, até mesmo, de todo o universo material e espiritual habitado por formas de inteligência elevada. Seu estudo pode dar-nos um vislumbre de seu ponto de vista peculiar, refinado e espiritual de verdade.

Não há, na história conhecida das civilizações, uma que tenha alcançado compreensão tão elevada da realidade, de si e de Deus, como a civilização Védica. Desde meus primeiros contatos com esta cul-



tura, tive a impressão de que o próprio Criador desejaria mostrar-nos sua assumida preferência pelos modos de tal civilização; pois, senão, observemos o fato de que existiram tantos grandes impérios e civilizações — Assírios, Caldeus, Fenícios, Egípcios, Persas, Gregos, Romanos, Otomanos e Anglo-Saxões —, que cresceram, floresceram, frutificaram, conquistaram e decaíram. Entretanto, houve uma civilização que cresceu, floresceu, frutificou e iluminou-se: a Védica — que tem assistido à passagem da história, de seu assento perene.

Hoje, milênios após, vemo-nos examinando os textos Védicos repletos de informações tão surpreendentes que até sua existência é razão para espanto e assombro. Como é que, há milênios, “alguém” concebeu uma informação que é tão refinada ao ponto em que nós, ocidentais, com toda nossa sofisticação tecnológica mal podemos arranhar-lhe a compreensão?

Neste ponto, gostaria de pedir aos leitores que não considerem estes tópicos como mera credence ou superstição; foi esta a atitude de Mouros, Portugueses e Ingleses que governaram a Índia sem nunca ter podido conhecer-lhe os segredos ocultos, mais interessados em seus condimentos, sedas, brocados e riquezas puramente materiais (por sinal, de grande refinamento artesanal e técnico), alimentando, desse modo, seus egos de conquistadores e exploradores orgulhosos. Puderam, sim, governar corpos hindús sem respeito pelo espírito que os animava ou por sua cultura refinada. Agiram como monstros alienígenas, invadindo um planeta de grande espiritualidade, imbuídos do conceito egoísta de serem muito mais

avançados e melhores em todo sentido e nada tendo a aprender dos seus “conquistados”.

Diante dos Vedas e seus divinos autores e representantes, os *Vaisnavas*, somos levados a encarar a realidade de uma visão de mundo poderosa, multi-dimensional, iluminante e capaz de possibilitar ao ser humano o encontro da paz interior e da auto-realização espiritual plena. Vemo-nos face-a-face com a experiência do eu e de Deus, através da direta vivência não-sectária e, menos ainda, dogmática. Ficamos diante de um fenômeno que foge ao comum: um conhecimento que, se for adotado à medida em que se revela, torna-se dinâmico e internamente auto-revelado. Tudo o que temos a fazer é sintonizar nossa consciência purificada à sua fonte, e uma contínua e enlevante onda de programação espiritual manifesta-se à percepção. Entretanto, não nos iludamos; tal vivência é individual. Pode-se falar dela, mas seu gosto é único — e cada qual experimenta sabores a seu modo.

Como seres civilizados deste final de civilização, não podemos deixar de condenar a sectarianização da experiência espiritual e religiosa; esta é intransferível. Portanto, não é meu propósito fazer aqui proselitismo religioso. Que cada um, armado da poderosa arma da sinceridade, trilhe seu caminho rumo à iluminação da verdade.

Srila Guru Maharaj disse:

“O auxílio que vem de cima é real. Busquemo-lo sempre, mesmo que nossa inclinação pela perfeição seja, sem dúvida, muito débil e limitada.” (...) “O imperfeito não o seria, se não tivesse necessidade de

ajuda, e esta, também, provindo de além de si mesmo. O Perfeito não o seria, se não pudesse sustentar-se por si mesmo ou ajudar os outros por sua própria iniciativa. Desse modo, a tarefa de guiar outros à perfeição, ou seja à Verdade Absoluta, é, necessariamente, uma função do próprio Absoluto.”

Eu gostaria muito de poder contagiar as pessoas no apreço aos *Vaisnavas* e à sua maravilhosa Cultura, de algum modo contribuindo no parto de uma nova era — de uma civilização que não rejeite a espiritualidade. Com certeza o mundo em que vivemos tornaria-se um lugar de genuíno amor pelo Criador, pelo próximo, por si mesmo — um mundo de paz, harmonia e beleza — desde que o pensamento *Vaisnava* é a estrutura filosófica, social, psicológica, emocional e espiritual para um tipo de ser humano que, enquanto desempenha, neste mundo, seu papel — qual seja —, aperfeiçoa-se material e espiritualmente, toma-se um habitante da dimensão transcendental do amor puro.

Sem a inspiração exemplar de meus mestres espirituais Srila Prabhupada e Srila Guru Maharaj nem minha vida teria sentido nem este livro teria sido escrito.

Sem a convivência devocional dos *Vaisnavas* minha vida seria insípida.

Sem o apoio de minha esposa, Govinda Mohini, este livro não estaria sendo publicado.

Sem um leitor que dê recepção aural com sua mente e coração abertos este livro é inútil.

...



## BRAHMAN

---

A idéia do *Brahman* impregna a cultura dos Vedas como um de seus conceitos axiomáticos principais. Há séculos, esta idéia vem sendo amplamente discutida, por toda Índia, pelos filósofos de todas as concepções. O próprio nome "*brahmana*" refere-se aos transcendentalistas que foram capazes de perceber que tudo se compõe do *Brahman*, tendo-o vivenciado diretamente; mantenedores dos princípios védicos, eles tem sido os responsáveis pela transmissão desse conceito milenar, criando uma protetora sucessão discipular de mestres no antigo processo da perfeita recepção aural: abnegada e humilde.

Tive a fortuna de, em minha vida, encontrar estes dois *brahmanas* perfeitos: Srila Prabhupada e Srila Sridhar Maharaj. Foi sob sua orientação e cuidados que me dediquei (durante nove anos de vida monástica) ao estudo das escrituras védicas e, tendo sido aceito por eles na corrente de sucessão discipular, fui iniciado nos mistérios de seu conhecimento transcendental. Orientaram-me no estudo dos textos védicos: *Bhagavad-gita*, *Bhagavat-Purana*, *Brahma-Samhita*, *Brahat-Bhagavatamritam*, *Upanishads*, e outros —, repletos de descrições do princípio do *Brahman*.

O *Brahman* é a massa não-diferenciada de consciência; é a energia onipotencial original, o conglo-

merado de realidades das criações material grosseira, material sutil e espiritual, o qual pode ser vivenciado pela inteligência do tipo teísta. É ainda a substância fundamental que compõe nossa própria identidade primordial espiritual. Em seu aspecto global e Absoluto, o *Brahman* é a essência espiritual total — a energia da qual tudo é feito: o Uno.

Como substância fundamental da existência e da realidade, o *Brahman* existe tanto em nós quanto fora de nós; existimos nele e não podemos sair dele; somos e vivemos numa realidade também composta disso (*tat tvam asi*).

Para vivenciarmos sua natureza seria necessário que empreendêssemos uma observação muito atenta, honesta e rigorosa de nós mesmos.

O método de tal análise poderia iniciar-se com o simples perguntar-se: quem eu sou? De que substância sou feito, em essência?

A resposta a esta pergunta terá de passar, sem dúvida — e para não se tornar uma resposta meramente intelectual —, pela alçada da pessoa do Mestre Espiritual, pois sob sua tutela e proteção, poderemos chegar à percepção autêntica, vivencial, de que não somos este corpo físico material.

Esta forma material, produzida por Maya, a energia ilusória do *Brahman*, diferencia-se do eu real; enquanto este se pressente eterno, pleno de conhecimento e êxtase, o corpo físico é, irremediavelmente, temporário, ignorante e miserável, apesar das falsas promessas de alguns cientistas atuais, inescrupulosos.

Buscamos uma existência que exclua a morte, — desejamos a eternidade, o conhecimento absoluto

e o êxtase contínuo: o encanto, a beleza e o deleite. No entanto, não há nem notícia de que estes objetos de nossa predileção tenham sido encontrados neste plano da realidade (caracterizado pela oposição total a estes nossos anseios). Esta é uma dimensão onde tudo está sujeito à morte, ao sofrimento e à ignorância — sem que encontremos uma saída real.

Em nossa busca pela identidade e realidade verdadeiras, teremos de passar por fases de vivências progressivas. O sistema de Ioga dos Vedas vem em nosso auxílio, tornando autêntico nosso progresso espiritual.

Se somos *brahman*, como afirma o primeiro axioma espiritual dos Vedas, e não somos o corpo físico, como poderemos vivenciá-lo, na prática? São os próprios Vedas que respondem com um completo sistema de práticas que nos levam a experimentar aquilo que, de outro modo, seria apenas vã filosofia. Essa resposta assume a forma do sistema de Ioga progressiva.

O processo iogue, que objetiva isolar o elemento “consciência” dentro de nós, principia nos métodos que trabalham, principalmente, com o corpo físico: *Hatta-ioga*. Por seu intermédio iniciamos uma viagem da consciência pelas várias partes do corpo físico. Tornamo-nos conscientes da respiração e do batimento cardíaco; aprendemos a remover a consciência das várias partes do corpo, até tomar-se possível criar um bioritmo respiratório e cardíaco idêntico ao que, cada dia, experimenta-se no estado de sono profundo.

Os sábios védicos, investigando a realidade da morte, adotaram métodos que reproduzem sintomas

físicos mortais; ao suspender o ar que entra, misturando-o ao ar que sai, conseguiram criar um estado de tipo cataléptico semelhante à morte. Seja pela suspensão da respiração ou desaceleração do ritmo de batimento cardíaco ou até pela ingestão de certas drogas e venenos em doses controladas, puderam experimentar a morte, “ressuscitando dentre os mortos” e narrando suas experiências para o benefício de todos nós. E o que observaram?... Vendo-se a si mesmos fora do corpo, acabaram por dar-se conta de que este corpo físico, composto dos elementos terra, água, fogo, ar e éter (espaço), têm existência separada do eu real.

Cabe notar, neste ponto, que tal experiência não é tão incomum ou fantástica como se possa pensar numa primeira leitura. Toda noite, experimentamos a saída da consciência do corpo, enquanto este estaciona na cama, onde permanece repousado — como se estivesse morto para esta realidade — e, revestidos de um corpo de substância sutil (mente, inteligência e ego), passamos a experimentar outra realidade que, em muitos aspectos, assemelha-se a esta realidade material grosseira.

Em geral, aceita-se que o corpo-sonho seja apenas memória deste corpo físico e que a substância da realidade sutil por nós percebida nos sonhos seja menos verdadeira que a física. Diante das evidências das práticas iogues, tal suposição acaba por mostrar-se sendo, tão-só, uma crença sem fundamento experimental.

As afirmativas dos Vedas tem sido aceitas, há milhares de anos, como autoritativas e comprováveis,



pela nata da civilização de profundos pensadores. Não são, como se quer fazer crer, fruto da superstição aliçada na ignorância e no medo. A experiência de tais verdades deve ser empreendida pelo indivíduo que, com muita seriedade, adota os processos por meio dos quais poderá vir a obter verdadeira percepção pessoal destas verdades. O cientista espiritual, neste caso, é, ele mesmo, o próprio pesquisador, seu laboratório e sua cobaia.

Nos Vedas encontramos os conceitos de *sruti* e *smriti* (a informação transmitida por via oral da experiência vivida, e gravada nas memórias dos seus Mestres e textos sagrados); não é possível documentarmos estas experiências a não ser por meio das palavras.

Os Vedas são definitivos quando afirmam (*aham brahmasmi*) que cada criatura é, na análise final dos elementos constituintes, composto de *Brahman*: consciência; esta empresta-se ao corpo físico, e este vive. Quando advém a morte, a consciência abandona esse seu veículo físico falido e, pelo arranjo providencial do Todo-*Brahman*, obtém novo nascimento quando poderá continuar a evolução subjetiva de sua consciência.

É um fato comprovável que a consciência pode projetar-se a qualquer parte do corpo físico, remover-se do mesmo e situar-se na mente, na inteligência ou no ego. Pode ainda inventar outros egos falsos e, dada como louca, pensar-se sendo outras identidades ou objetos. A consciência é a constante a se transferir de um veículo de exploração da realidade a outro.

Se fôssemos iogues desenvolvidos, ser-nos-ia fácil

remover, à vontade, a consciência do corpo físico e, quando isso acontecesse, ver-nos-íamos situados, então, no corpo sutil. Se continuássemos a viagem rumo ao nosso interior, observando o elemento mente desse corpo sutil, poderíamos vir a percebê-lo como um instrumento útil para a aceitação e a rejeição dos objetos de nossa exploração nos mundos materiais físicos e sutis, o espelho do pensar, do sentir e do desejar.

A mente é como uma tela de computador interno onde se projetam os sentimentos, pensamentos e desejos no decorrer da vida e, certamente, é dotada de um disco de memória subjetivo onde se gravam tais experiências — no plano subconsciente da mente. Mas a real função prática da mente material é de promover a aceitação e rejeição do que a inteligência possa considerar interessante para a satisfação do prazer do ego.

Continuando nossa viagem subjetiva — após termos detectado e reconhecido a mente e como iogues perfeitos —, removemos nossa consciência do plano mental e observamos uma substância ainda mais sutil do que a mente: a inteligência — o plano búdico.

Ah! Sejam bem-vindos à dimensão do julgamento final! Aqui tudo é dual; é o Yin e o Yang: as dualidades que fundamentam a razão. O que foge aos conceitos relativos é indetectável e invisível para essa dimensão do intelecto.

*Jñana*-ioga, a ioga da inteligência, será um meio efetivo para levar-nos a passeio pelos milhões de conceitos e idéias magníficas, todas elas culminando na encruzilhada final de toda lógica dual, a última fron-

teira da inteligência: o Absoluto. Mas, nesta dimensão da inteligência, fica-se como a lamber o rótulo desse conceito, desde que a inteligência não pode abrir a garrafa e experimentar seu conteúdo: o Absoluto, o *Brahman*; pode apenas, e já nas fronteiras de sua própria capacidade, vislumbrar-lhe a existência. Transforma-se, então, numa inteligência teísta.

Ao chegar a este ponto, o iogue bem sucedido alcançou vivenciar que nem o corpo nem a mente nem o intelecto podem existir ou ser percebidos sem a ajuda desse magnífico elemento que encontramos em nós, situado além destes e vivificando-os: a consciência transcendental. Isto, no entanto, pode ser percebido unicamente pela própria consciência, que possui em si mesma o elemento necessário à auto-deteção. Deste modo, o iogue acaba por concluir, já ele mesmo um sábio, que a substância última definitiva e eterna é ele próprio, a consciência — o *Brahman*.

Daqui em diante, passa a observar que o *Brahman* está em toda parte: nos objetos físicos ou mentais, no plano das idéias, na inteligência. Tudo é visto com características pessoais. Desde que tudo é feito de consciência — e personalidade é um atributo da consciência e não da matéria física ou sutil —, nada é impessoal.

Krsna fala desse estado no *Bhagavad-gita*, 6.9:

“O iogue iluminado e de mente controlada, vê com visão equânime ao *brahmana* erudito, ao comedor de cães, ao cão, à vaca e a todos os elementos da criação, vendo o *Brahman* dentro e fora, e em tudo o que percebe com a consciência.”

As afirmativas axiomáticas dos Vedas, “*aham*

*brahmasmi*” — eu sou *Brahman* —, “*tat tvam asi*” — tu es isso —, e “*om tat sat*” — sim, tudo é *Brahman* —, apoiam e direcionam nossas experiências espirituais. *Brahman* — o espírito, a consciência onipenetrante, a massa não-diferenciada de consciência — abre espaço para detectar a Verdade Absoluta, Deus, em sua *virata-rupa* ou sua forma universal.

Aqueles que estão situados numa consciência primária tem a possibilidade de detectar-lhe a existência apenas nas forças controladoras da Natureza e, movidos pelo medo (que nasce da ignorância), adoram Deus como sendo o raio, o trovão, o sol, a lua, e tudo que pressintam como “mágico”, por ser inexplicável ou incompreensível.

Refinando um pouco sua consciência, começam a intuir o *Brahman* existindo nas coisas sutis, e passam então a adorar fantasmas e espíritos do plano sutil, para onde se dirigem os antepassados falecidos.

Indo adiante, acabam percebendo a existência dos *devas* ou semideuses encarregados das várias energias materiais e provedores da subsistência; adoram o Deus-sol, o Deus-chuva, o Deus-rio etc.

Alcançando um estágio de percepção mais refinado, acabam por compreender a existência do Deus-juiz de nossas ações (a ação da lei do *karma* — lei da ação e reação), e o medo do castigo eterno prevalece para normalizar as atividades.

No avanço progressivo da consciência chegam, por fim, à compreensão intelectual da *Virata-rupa*, o aspecto universal e absoluto de Deus, que é definido dentro do conceito que abordamos sobre o *Brahman*.

O próprio *Brahman* os ilumina, concedendo-lhes uma perspectiva mais apropriada e ampla de sua existência.

Em todos esses variados estágios, as pessoas estão adorando o mesmo princípio do *Brahman* Absoluto em suas múltiplas formas de manifestação relativa.

Quando morava em seu mosteiro de Navadwip, na Bengala Ocidental, ouvi Srila Sridhar Maharaj contar a estória do homem que nascera e vivera toda sua vida no calabouço, onde jamais vira a luz do dia ou mesmo o mundo externo.

Foi no dia anual da misericórdia que o Rei, comovido ao ser informado da existência deste seu infeliz súdito, decidiu conceder-lhe sua graça. Mandou que o libertassem.

O guarda, até mesmo comovido pela simpatia que o prisioneiro lhe causava e urgido pelo desejo de dar-lhe as boas novas, acelerou o passo rumo às masmorras do palácio e abriu a porta da cela.

Iluminadas apenas por uma pequena lamparina de azeite, as paredes de pedra escura mal refletiam a pequenina chama.

“Agora estás livre”, disse o guarda.

“Como! Estou livre e posso ir ver o mundo?” replicou o prisioneiro, sem caber-lhe tanta emoção.

“Sim, é verdade! O Rei deu-te sua misericórdia, hoje, no dia da graça real. Podes sair... vamos... anda rápido!”

O pobre homem, nervoso, excitado, com os olhos enchendo-se de contentamento, aprumou-se e, enlevado, pôs-se a caminhar em direção à porta. Seu

rosto produzia um sorriso abobalhado, como podemos imaginar ser próprio de uma situação dessas. Estancou à porta da cela. Voltou-se... lento, pensativo. Entrou, pegou a lamparina de azeite e, mais uma vez com aquele mesmo sorriso bobo e sonhador, e meio como que aéreo, saiu porta afora, sob o olhar divertido do guarda.

“Aonde vais com a lamparina, homem?” perguntou o guarda com a ironia de quem já antecipa rir um pouco.

“Ora, o senhor guarda bem sabe que nada pode ser visto sem luz. Eu, ao menos, estou certo que nada posso ver se não for com a ajuda de minha lamparina de azeite. Quando ela se apaga por falta do líquido ou da mecha de corda, o mundo todo fica naquela escuridão, no negro intenso onde tudo acaba sendo apenas mistério e ruídos. Como poderia ver o mundo sem minha lamparina?” acabou por perguntar o homem, enquanto acelerava o passo ecoante, subindo os degraus de pedra escura das escadas que o levariam, por fim, a ver o mundo exterior, fazendo questão, após o dito, de esticar bem seu braço para alumiar, amplamente, o mundo desconhecido à sua frente.

Depois de rir-se a mais não poder da situação muito divertida da ignorância do outro (que rir da própria é tarefa tão-só para sábios), o guarda acabou por dirigir-se ao homem que o fitava sério no meio da escada, e segurando-o pela manga, respondeu:

“Meu caro, com certeza não precisarás desta tênue luzinha no mundo lá fora.”

“Mas como poderei ver o sol e as coisas todas, que só conheço de ouvir falar, sem as iluminar com

minha lamparina de azeite?"

"É que o sol, meu amigo, é o senhor de toda luz e a tem própria. Com sua luz podemos vê-lo e a todas as coisas que existem. É uma luz muito forte e que emana dele mesmo; mostra tudo... até a ti mesmo. Vem ver por ti mesmo!", concluiu, exclamando, o guarda.

Esta estória exemplifica a idéia de que a lamparina de nossa mente e inteligência pode vir a ser útil enquanto existimos neste plano de trevas e ignorância, pois alguma luz é melhor que nenhuma; mas, ao nos tornarmos conscientes do *Brahman*, sua luz no-lo mostrará permitindo ainda que nos vejamos a nós mesmos em nossa identidade verdadeira, espiritual.

Nosso apêgo à tênue luz de nossa lamparina mental e intelectual é ao mesmo tempo compreensível e risível. Entretanto, com o auxílio de um Mestre espiritual genuíno, e por sua compaixão imotivada (no dia que será para nós da graça real), poder-se-á abrir a porta de nosso cativeiro material, para podermos vir a ter uma experiência direta do sol todo-iluminante que é a consciência total — da qual somos pequeninas centelhas individuais eternas.

Em seu famoso comentário ao *mantra* Gayatri, Srila Sridhar Swami escreveu:

"O sol significa, figuradamente, aquilo que revela e ilumina; aquilo, por meio do quê podemos ver. Os extratos grosseiro e sutil dentro deste mundo são-nos mostrados por algo em particular: *savitur*. E o que é isto? A alma. Na verdade, não é o sol mas a alma que nos mostra o mundo. O que é que realmente nos permite percepção e nos deixa ver as coisas? Não é real-

mente o sol que nos ajuda a ver. Vemos auxiliados pela alma... A alma revela este mundo da mesma forma que o sol, pois este pode mostrar a cor a nossos olhos. O ouvido pode revelar o mundo-som, e a mão o mundo-tato. Mas, é a alma que, na verdade, encontra-se ao centro. A alma é quem dá luz a este mundo e nos concede uma compreensão do meio ambiente, do mundo da percepção. Toda percepção só é possível devido à alma: pois é a alma, tal como o sol, quem nos mostra tudo."

...



## PARAMATMA

---

O objetivo último de todo esforço iogue é de poder estabelecer uma conexão experimental com o *Paramatma* — a fonte de todos os poderes místicos almeçados pelas práticas de ioga.

Define-se o *Paramatma* como o aspecto localizado de Deus, da Consciência Suprema, do *Brahman*, que se situa como companheiro constante da consciência individual, em seu âmago e apenas durante sua existência material. É um aspecto multiplicado da Verdade Suprema que orienta a existência de cada alma individual, enquanto esta permanecer condicionada por *Maya* (a energia material ilusória).

Ambos, *atma* (a consciência individual) quanto *Paramatma* (a super-consciência), situam-se, ao mesmo tempo, no âmago das oito substâncias materiais físicas e sutis. Enquanto a primeira tenta desfrutar dos objetos de sua predileção nestas dimensões de realidade material, o *Paramatma* permanece à parte, transcendental, concedendo os frutos das ações e testemunhando as atividades da alma individual.

Poder detectar internamente este *Paramatma* é tarefa que exige, preliminarmente, o despertar da visão subjetiva.

Após emprendermos a observação concentrada e contemplativa do que se passa no plano subjetivo de nosso ser, ultrapassando o conceito *Brahman*, che-

gamos a descobrir que existimos no pensamento do Criador e que não somos meros observadores da realidade mas, sim, que estamos sendo sempre observados pela consciência do Supremo: *Paramatma*. Ele não nos observa passivamente mas tenta, por todos os meios, influenciar-nos a agir em harmonia com nosso real auto-interesse. É a nossa desatenção em relação a essas instruções supra-conscientes que produz nosso envolvimento nas atividades mundanas que acabam por nos distanciar das elevadas vivências do quê somos e qual é o objetivo de existirmos.

A consciência está extrovertida nas atividades dos sentidos materiais, identificada com estes seus invólucros — a mente, o ego e o corpo material —, ao ponto em que nem pode suspeitar da presença íntima do *Paramatma*, este nosso bem-querente, mestre, guardião e guia.

Estamos condicionados a correr rumo ao externo, atrás do fascínio que oferecem os frutos das ações materiais, ao ponto em que, por falta de uso e viciados em perceber como verdadeiro apenas o mundo externo, nossos olhos e ouvidos interiores permanecem fechados, inutilizados.

Contudo, por sua própria e doce vontade, e concedendo-nos um discernimento iluminante, o *Paramatma*, como um verdadeiro Anjo da Guarda, Espírito Santo ou Mestre interior, aparece-nos externamente em uma de suas múltiplas encarnações: o Guru, as escrituras reveladas e os santos exemplares. O *Paramatma* interior aflora à superfície desta dimensão material por meio destes seus três agentes transparentes com o propósito de reivindicar a

atenção das almas individuais, motivado a elevar-lhes a consciência à percepção de uma dimensão de realidade superior.

Somos dotados da capacidade de conectarmos-nos com o *Paramatma*. Há um canal de ligação em nós, e esse canal acabou por bloquear-se de nosso lado, o que ocorreu ao desenvolvermos conceitos equivocados do próprio eu e, também, devido a desejos contrários à iluminação espiritual cultivados em nossa tentativa de explorarmos e assenhorear-nos da realidade material. Nossa consciência individual, distanciando-se de seu estado de pureza original pelo mau uso de seu livre-arbítrio original, acabou amalgamando-se ao corpo físico e sofrendo as contaminantes interferências dos sentidos físicos, da mente, do intelecto e do ego mundanos. É por isso que nos é quase impossível percebermos as intuições que provêm da Superalma em sua forma pura e original, sem haver interferências deturpantes do ego, dos preconceitos do intelecto e da mente materiais.

*Paramatma* produz-se real ao manifestar-se por meio dos canais de pura consciência devocional: os *Vaisnavas*. Estes, devido à sua submissão integral à Vontade Suprema, capacitam-se como médiuns transparentes do Guru interior e, em sua transparência, retransmitem as instruções aos canais condicionados.

Recebendo desse modo as informações da dimensão transcendental, os ouvidos materiais, a mente, o intelecto e o ego tentam obstar sua chegada à nossa consciência espiritual, apondo vários preconceitos e pré-julgamentos, baseados, em geral, num débil fundo de conhecimento experimental e especulativo.

Por isso Krsna nos ensina, no *Bhagavad-gita*, que, se quisermos qualificar-nos como recipientes genuínos das verdades espirituais descendentes, devemos aproximar-nos de um mestre espiritual, um *Vaisnava*, com uma atitude que nos permita inquirir humilde, servil e submissamente deste seu agente. Esta é a moldura psicológica correta para nos aproximarmos da Verdade Suprema.

Diante de um indagador apropriado e sincero, o *Vaisnava* é inspirado diretamente pelo *Paramatma* que por seu intermédio se dá a conhecer ao discípulo qualificado.

O Guru é, então, visto como uma *encarnação* de Deus — da Suprema Consciência. Nesta transação espiritual, as informações mais confidenciais e pertinentes à própria natureza espiritual do Infinito e do infinitesimal descendem para despertar a consciência espiritual adormecida da centelha espiritual infinitesimal do Absoluto: o *atma*.

Os Vedas enfatizam que, preliminar a qualquer tipo de prática auto-realizante, devemos aproximar-nos do ser auto-realizado: o Guru. Sob seus cuidados e instruções podemos ser iniciados no sistema múltiplo da Ioga.

Vimos anteriormente que o *Brahman* é detectável por meio do aprofundamento e utilização progressiva de nossa capacidade intelectual: *budhi-ioga*.

Já o *Paramatma* pode vir a ser observado por aqueles que, sob a orientação de um Guru genuíno, praticarem o sistema das oito Iogas: *astanga-ioga*. Por essa razão os Vedas afirmam que, enquanto o *Brahman* pode ser vivenciado por meio do cultivo do

conhecimento (*jñana-ioga*, ou *buddhi-ioga*) o *Paramatma* poderá sê-lo por meio da meditação iogue (*astanga-ioga*).

Srila Prabhupada disse:

“A meditação é dita como mantendo posição superior ao cultivo do conhecimento, pois, por seu intermédio, obtemos uma experiência direta do *Paramatma*, que detém posição superior ao *Brahman*.”

Do *Paramatma* emanam os vários tipos de consciência que possamos experimentar em nosso percurso existencial eterno.

Srila Prabhupada disse ainda que:

“O objetivo de se praticar o sistema óctuplo de ioga é de poder controlar a mente, pois, a menos que a mente esteja controlada, a prática de ioga é uma mera perda de tempo. Enquanto a mente permanecer uma inimiga inconquistada, seremos forçados a servir aos ditames da luxúria, da ira, da avareza, da ilusão etc.; mas, logo que a mente é conquistada, concordamos em agir conforme os ditames do Senhor Supremo, que está situado no âmago de nosso ser, no coração do coração, como *Paramatma*. A verdadeira prática de ioga acarreta em encontrarmos o *Paramatma* no coração e em seguir suas instruções.”

No *Bhagavad-gita*, 6.7, Kṛṣṇa diz a seu amigo e discípulo Arjuna:

“Aquele que conquistou a mente já alcançou a Superalma, pois obteve a paz. Tal iogue libertou-se das dualidades da atração e da aversão, na eventualidade do calor ou do frio, da felicidade ou do insulto, permanecendo absorto em seu transe iogue.”

E Srila Prabhupada comenta que:

“É um fato que todo ser vivente é parcela eterna do Supremo e que ambos mantêm uma relação muito íntima. Mas o *atma* tende a querer rejeitar a aprovação do Supremo e a agir independente, em sua tentativa de tornar-se senhor da Natureza.”

A entidade vivente pode situar-se seja na energia material seja na energia espiritual. O Senhor Supremo, em sua forma de *Paramatma*, permanece junto a ela durante seu estado condicionado pela energia material, na tentativa de orientá-la e convencê-la a dirigir-se rumo às dimensões espirituais. Este é o anseio contínuo do Senhor: levar as almas do plano material ao plano espiritual; mas, devido ao uso equivocado de seu diminuto livre-arbítrio, a entidade individual acaba rejeitando a associação da luz espiritual. É este mau uso da independência que promove seu sofrimento material na natureza condicionada.

O Senhor, contudo, está sempre instruindo, interna e externamente, cada alma individual. Externamente, ele o faz por meio das escrituras reveladas, dos santos e guias exemplares e, internamente, tenta convencer-nos de que as atividades na dimensão material não conduzem à experiência de uma verdadeira felicidade, prazer ou êxtase, que são a busca essencial de nosso ser.

“Abandona tudo”, diz o *Paramatma*, “e volta-te para mim. Desse modo, encontrarás a verdadeira felicidade.”

Fazendo isso, a alma, iluminada por uma compreensão superior, situa sua fé no *Paramatma* e inicia sua jornada rumo a uma existência eterna de conheci-

mento e bem-aventurança.

Concluindo a introdução à concepção do *Paramatma* cito as palavras do próprio Krsna no seu *Bhagavad-gita*, 13.24-28:

“Aquele que compreende estas verdades relacionadas aos modos da natureza material, o ser vivo predominado e à Superalma predominante, bem como suas interações, não voltará a nascer nesta dimensão material, independente de sua situação material.

“Alguns chegam a perceber a Superalma diretamente situada no âmago do coração, por meio de sua realização divina, perfeita e pura. Outros percebem-na pela discriminação entre matéria e espírito; enquanto que outros o fazem pelo caminho da Ioga da ação abnegada...

“Aquele que vê o Senhor Supremo em sua forma de *Paramatma* situado igualmente dentro de todas as espécies — desde a do senhor Brahma até às inferiores e imóveis, e que percebe a natureza imperecível do Senhor situada dentro do perecível — tal pessoa vê de fato.”

...





## BHAGAVAN

---

**M**esmo nos dias atuais do culto à informação, ainda existem aqueles que defendem a idéia de que Deus não pode ser conhecido ou experimentado. O conceito védico, pelo contrário, defende que a experiência religiosa, parte inata da capacidade humana, resume-se à vivência direta que a alma individual pode alcançar do Supremo.

Desde que somos pequenas partes, parcelas do Absoluto, a investigação do Supremo pode começar em nós mesmos. Em cada um de nós encontra-se em quantidade infinitesimal o que no Absoluto Supremo se encontra em quantidades infinitas.

Se somos energia, é porque o Absoluto é energético — o *Brahman* Supremo. Se somos conscientes é porque, sendo parcelas do *Param-Brahman*, a consciência Suprema, somos dotados dessa qualidade. Se somos ainda pessoas dotadas de personalidade, caráter, individualidade, desejos, amor próprio, livre-arbítrio, sentimentos e pensamentos individuais, por que haveríamos de aceitar a idéia de um Supremo que não pensa nem sente ou deseja, a menos que Lhe quiséssemos subtrair a personalidade?

*Bhagavan* refere-se à Personalidade do Absoluto. E os Vedas são definitivos nesse particular, quando afirmam: *brahmeti, paramatmeti, bhagavan iti sabdyate*:

“Os videntes da verdade percebem o Absoluto Supremo em três aspectos simultâneos: como o *Brahman*, como o *Paramatma* e, por último, como *Bhagavan*.”

*Bhagavan* significa, literalmente, aquele que possui todas as qualidades de opulência como beleza, riqueza, poder, fama, sabedoria, renúncia, atratividade, e mesmo personalidade, a opulência-mor.

Deus é uma pessoa.

Os sábios *Vaisnavas* conceberam que não só Deus mas tudo é pessoal, desde que, sendo feito de consciência, tudo pensa, sente e deseja.

Como abordamos anteriormente, tanto o que podemos quanto o que não podemos perceber — absolutamente tudo — se compõe de uma mesma substância: consciência. O Todo é consciente e a parte é consciente. Eu sou consciente, e até cada átomo de meu corpo possui uma consciência individual, particular, já detectada pelos cientistas e denominada de *quark*.

A gota do oceano possui algumas das qualidades do oceano total em quantidades infinitesimais; ou diria melhor ainda, que o oceano possui em quantidades imensuráveis todas as qualidades que encontramos na pequena gota de água. Do mesmo modo, o Supremo possui todas as qualidades que possamos encontrar em qualquer uma de suas partes, mas em quantidades magníficas.

E o conceito de *Bhagavan* lida com aquela qualidade da personalidade que encontramos em toda parte da sua criação, lida com a capacidade que Deus tem de ser pessoa.

Todavia, essa personalidade do Absoluto é inatingível e incompreensível pelos meios à disposição do relativo. O Infinito é inalcançável pelo finito, que explodiria além dos seus infinitesimais limites, se pudesse compreender ou açambarcar o infinito em si.

É bom notar que, como escreveu Srila Sridhar Maharaj: “O Infinito não o seria se lhe faltasse a capacidade de dar-se a conhecer ao finito.” Esta outra qualidade do Absoluto (de dar-se a conhecer) foi designada pelos *Vaisnavas* como compaixão.

Compaixão significa que, sendo independente, o Absoluto não está sujeito a nenhuma vontade que não a própria. Ele existe para satisfazer seus próprios desejos. Sendo assim, quando se mostra a uma consciência finita, está manifestando sua divina graça.

Trazemos, no âmago de nossa consciência, o anseio pela perfeição e a busca do prazer eterno. Este anseio desperta e cresce em intensidade, ao encontrarmos um agente do Absoluto, o Mestre espiritual, que motiva nossa alma ao esforço apropriado para se poder experimentar uma relação pessoal, única, de religação genuína com a Personalidade do Absoluto.

### **Forma e Função**

Neste ponto cabe um parêntese para definir uma idéia fundamental: o princípio de forma e função.

Cada veículo corpóreo tem função distinta e definida. O corpo físico tem a função de permitir a exploração das dimensões materiais (as três dimensões espaciais), através dos vários sentidos de percepção e ação.

Como mencionei antes, auxiliados pela loga aprendemos a remover a consciência do plano físico e a projetá-la no plano astral, da substância mental.

Neste ponto, despertamos nosso corpo sutil que, possuindo forma e substância diferentes das do corpo físico tem como função permitir que exploremos as dimensões sutis da realidade... além da 4ª dimensão.

Se pudéssemos observar, de fato, nossa condição mais essencial, descobriríamos que, por trás dos corpos físico e sutil, e animando-os, existe a substância primordial: a consciência. Enquanto esta se projeta no corpo físico, este se anima e explora a realidade que o circunda; ao transferir-se ao plano mental, é este quem se anima; elevando-se ao plano intelectual, produz inteligência e compreensão.

Consciência é, por si só, a verdade última de nossa realidade, sendo eterna, plena de conhecimento e êxtase — continuando a existir quando cessa a vida dos corpos físico e sutil. Removida a ignorância que a encobre, descobre-se sabedora das verdades mais profundas; e, liberta dos véus de *Maya* (a ilusão que gera o falso ego), realiza-se na plenitude de seu ser eterno.

Desde que consciência é a forma própria do nosso ser, cabe-nos investigar qual seja sua função

Relembremos que a função das formas física e sutil é de permitir-nos explorar suas dimensões correlatas, a fim de satisfazer os desejos de exaltação do próprio ego.

Contudo, movida pela propensão a amar, manifesta-se na constituição de nosso ser uma inclinação oposta e tendente a servir aos objetos de sua predileção. Tal propensão a servir (que se contrapõe à

de explorar) encontra-se, todavia, encoberta por grossas couraças de medo, orgulho, luxúria, ira, e ilusão; sendo que tal inclinação manifesta-se à medida em que a alma espiritual se liberta do jugo ilusório do falso egoísmo, situando-se mais próxima de sua consciência original.

Desse modo, a alma espiritual desperta passa a buscar o objeto perfeito de sua servidão: a Personalidade do Absoluto. Neste ponto encontramos a parte servindo ao Todo e a Ele harmonizado. Percebendo-se a si mesma como sendo uma parcela infinitesimal do Infinito Supremo, situa-se na posição subserviente de objeto de sua Suprema Vontade e ora: "...faça-se a Sua Vontade na Terra como no céu...e, de mim, um instrumento dessa Vontade."

Nesse momento, nasce ou manifesta-se a consciência *Vaisnava*: na rendição plena ao uso e abuso pela Vontade Suprema. Esta é a função espiritual que permite o despertar de nossa forma eterna, bem-aventurada e plena de conhecimento. Sendo que, quando se está assim desperto, inicia-se o processo que nos conduz, gradualmente, numa viagem rumo à nossa própria personalidade espiritual seminal e eterna, que é o médium apropriado para conhecer-se a forma transcendental da todo-amorosa Personalidade do Supremo: Krsna, Govinda — o oni-brincalhão.

### **A Polêmica do Conceito Bhagavan**

Há milênios, entre transcendentalistas da Índia tem havido debates intensos quanto a este conceito de

*Bhagavan*, quanto a se a Verdade Absoluta é pessoal ou impessoal. Alguns deles, movidos por intelectos poderosos, ativos e dominadores, tem desejado questionar a superioridade ou até mesmo a veracidade desta meta transcendente, argumentando que a Verdade Absoluta é em última análise apenas impessoal: o *Brahman* todo-energético. Supõem eles que o fundir-se na luz da refulgência impessoal do *Brahman* é o ganho máximo de nossa existência.

Contudo, este intenso debate teve, no começo do século XVI, um debacle filosófico devido ao advento de Sri Chaitanya Mahaprabhu, conhecido como o Avatar Dourado. Ele foi responsável pelo renascer do conceito filosófico puro dos Vedas que, então, estava em desuso — desde o advento de Gautama, o Buda, e, posteriormente, de Shankaracharya, o mestre do Mayavadismo (a filosofia que, baseando-se numa leitura parcial dos Vedas, arquitetou o conceito de que tanto a realidade material como a nossa individualidade espiritual seriam ilusórias).

Tal conceito foi revisto, na filosofia de Sri Chaitanya Mahaprabhu, a partir do bom senso e da experimentação da Verdade em si mesma.

Poder, conhecimento, fama e tudo o mais que se lhe assemelhe pode ser, de pronto, abandonado diante da opção do amor. Amor é a substância mais cara à consciência espiritual do ser ao ponto em que a ele não se pode renunciar. Amor situa-se num patamar superior.

Os pensadores que ainda cultivam o conceito impessoal e que invejam até mesmo a idéia da existência de uma Suprema Personalidade de Deus, es-

quecem, ou mesmo desconhecem, que o *Brahman*, em sua refulgência luminosa é o lugar de origem de nosso ser espiritual.

Vida após vida, temos encarnado nestas dimensões materiais grosseira e sutil, o *Samsara*, com o propósito único de elevar nossa consciência do impessoal para o pessoal.

Do estado de consciência primordial — enquanto existíamos submersos na totalidade do *Brahman* numa espécie de auto-esquecimento impessoal —, elevamo-nos, expandindo nossa consciência, durante a existência vida-após-vida neste mundo material, até que alcançamos a auto-realização, quando reconhecemos nossa existência como seres espirituais compostos de pura consciência, atualmente amalgamados às oito substâncias materiais (terra, água, fogo, ar, éter, mente, inteligência e ego).

Seria, portanto, um despropósito querer reduzir nossa consciência expandida, levando-a de volta ao torpor nirvânico do auto-esquecimento, característico da refusão no *Brahman*, obtendo, novamente, o que deixamos para trás, nos primórdios da existência. Estaríamos mastigando o mastigado; voltaríamos à estaca zero, ao *nirvana* (*nir* = nada, *vana* = plano).

Não se constitui em nosso maior auto-interesse encararmos a idéia de obter o nada, o zero, o *nihil*, a menos que estejamos em tal estado de frustração que ansiemos por esse tipo de suicídio espiritual. Mas o objetivo das frustrações e dificuldades, que, com certeza, experimentamos no decorrer de nossa vida, não é outro senão o de mover-nos adiante, expandindo a consciência rumo à verdadeira liberação

deste plano miserável, que se obtém nos atos que satisfazem a função de nossa forma espiritual: na devoção e no amor ao Supremo, o que pressupõe a existência do devoto, sua devoção e seu objeto: o amor, o amante e o amado.

---

### ***Amor é Pessoal***

*Bhagavan* — a Pessoa Absoluta — é o objeto máximo de amor. Ele é o Belo, o Poderoso, o Famoso, o Renunciado, o Sábio, o Atraente, é a realidade última a ser percebida pela consciência pura e cristalina da entidade vivente. A Suprema Personalidade de Deus — plena de todas as qualidades e opulências — é aquela que, sendo capaz de atrair e reciprocamente com cada centelha de consciência individual da Criação, reserva-se o direito de só se dar a conhecer por meio do amor puro. Sua Forma e sua Substância são transcendentais aos modos da natureza material; compõe-se da mesma energia constitucional de nosso ser eterno: existência, consciência, e êxtase. É por isso que Ele só pode ser percebido pela consciência purificada, e com os sentidos espirituais untados pelo unguento do amor puro: *prema*.

Armado do desejo intrínseco de desfrutar de sua Criação, o Absoluto assume a forma de Govinda, Sri Krsna, e esquece-se a si mesmo em gestos singelos de amor pelas criaturas, as quais encobre com sua energia iogue (conectante) para que, esquecidas de que Ele é o *Param-Brahman*, o *Paramatma*, o Senhor Supremo, possam elas brincar despreocupadas e



irreverentes, em dimensões criadas especialmente como cenário de fundo para tais brincadeiras de amor.

A Poesia e a Arte associam-se à Filosofia, à Religião e à Ciência para compor um conhecimento Absoluto.

A mínima presença do conceito de Absoluto, junto a Krsna, arruína a relação amorosa pura, pois introduz sentimentos de reverência e respeito, que distanciam o amante do seu amado. Krsna — diante desta postura reverente e para aceitar esta devoção respeitosa de Sua majestade e grandeza — transforma-se no Vishnu-Narayana.

É o próprio Absoluto Supremo quem deseja compor-se como Pessoa, estabelecendo a superioridade da experiência do amor que, por sua vez, o subjuga, fazendo com que se esqueça de si, entregue ao amor de seus devotos e expandido infinitamente para reciprocidade com os seus também infinitos devotos.

O conceito de um Deus impessoal desserve aos propósitos de uma relação amorosa, já que nos é impossível amar o impessoal. *Bhagavan Sri Krsna* é a Personalidade Suprema do Absoluto; esta idéia impregna os Vedas e é confirmada nas escrituras correlatas, sendo, isoladamente, o conceito filosófico, estético, científico e religioso predominante na cultura milenar da universal civilização védica.

Os Vedas concluem sua lógica perfeita no axioma sânscrito: *krsnastu bhagavan svayam*:

“Entre todas as personalidades divinas, Krsna é a Suprema Personalidade de Deus.”

•••



A palavra “*vaisnava*” designa, literalmente, “aquele que é dotado da devoção a Vishnu, o Senhor Supremo, e, filosoficamente, refere-se ao ser humano que se desenvolveu, em todos os aspectos da auto-realização, ao grau último, desde que, como vimos, os textos dos Vedas afirmam que a evolução de nossa consciência culmina na vivência direta da Pessoa do Supremo.

Depois de vivenciar ser a consciência que anima o corpo físico, a mente e o falso ego — e ser transcendental a estes e originário do *Brahman* — o ser vivente acaba por perceber-se como sendo parcela eterna de Deus, reconhecendo, em consequência, sua função espiritual de instrumento da vontade do Divino, de servo. Pois é neste ponto que se nasce de novo (*dvija-bandhu*) — que nasce o *Vaisnava*. Essa é a linha divisória entre o material e o espiritual.

Conforme mencionamos anteriormente, certas doutrinas monistas apregoam o conceito de que a culminância das sendas espirituais seria a refusão de nossa essência e individualidade no *Brahman*. O *brahman*-parte funde-se no *brahman*-todo, desfazendo sua individualidade. Tal imersão da consciência individual pode ser atraente para essa seção treloucada e suicida da sociedade humana, mas é considerada como infernal pelos *Vaisnavas*, que com-

preendem a função transcendental de sua própria consciência.

Pode ser que, devido aos malogros e sofrimentos experimentados na consciência material individual, o ser vivente queira negar o material, o individual e mesmo a própria individualidade ou consciência, pensando que, ao aniquilar a individualidade, poderá libertar-se do jugo da matéria, fundindo-se, em seguida, no Todo, no *Brahman-jyotir* — a refulgência luminosa do *Brahman*.

Perseguindo esse conceito, surgiram as várias doutrinas, já mencionadas nos capítulos anteriores, do Budismo de Gautama e do Mayavadismo de Shankaracharya. Estas baseiam suas práticas em técnicas que aniquilam o pensar, o sentir e o desejar, e o seu conseqüente poder de enredamento no plano da existência material sem, no entanto, substituí-los por nada.

Os *Vaisnavas* podem concordar em parte, mas aprofundam-se na adjectivação desqualificante da realidade material, que é vista, também, como sendo miserável, ignorante e temporária, somente enquanto a alma espiritual permanece desconectada do Senhor.

Para os *Vaisnavas* a existência condicionada da alma espiritual nesta dimensão é como uma doença.

Sriia Prabhupada escreveu a este respeito:

“A cura da doença não implica, contudo, em se matar o paciente. O mal nasce de nossa propensão à exploração egocêntrica da realidade circundante. A doença é pensar-se como sendo o foco de desfrute da realidade.”

Tal consciência é designada como *assurika*

(demoníaca) pelas escrituras *Vaisnavas*.

Tal mentalidade leva o ser a pensar que:

“Tudo o que vejo, sinto, cheiro, penso e desejo existe apenas para dar-me prazer. Sou o centro do mundo.”

Os sintomas dessa doença — que caracteriza o estado de consciência não Vaisnava — são classificados no capítulo dezesseis do *Bhagavad-gita*, por Krsna:

“Quando a consciência está dominada pelo orgulho, a vaidade, o egoísmo, a ira, a desumanidade e a leviandade, estas qualidades demoníacas causam seu enredamento material. Nesse estado de consciência, o ser vivo não pode compreender o que seja a tendência religiosa ou irreligiosa. Nela não se encontra nem vestígio de pureza, de boas práticas ou de veracidade.

“As pessoas de consciência demoníaca percebem este universo como imaginário, sem fundamento e sem Deus. Consideram-no sub-produto da sexualidade, destinado apenas à luxúria.

“Assim, ignorantes e sem auto-conhecimento, almejam tornar-se poderosos por meio de atos abomináveis e inauspiciosos, com o propósito último de destruir o mundo à sua volta.

“Recorrendo a insaciáveis desejos luxuriosos, tão só enamorados e preocupados com seus objetivos sensuais, tais demônios, num louco frenesi de arrogância e orgulho, ocupam-se em abominações, o que os leva a sofrer, até seu último alento, de incontáveis medos e ansiedades.

“E, mesmo assim, continuam convencidos de que a meta última da vida é satisfazer a sua luxúria.

Iludidos por centenas de desejos multiformes e dominados pela luxúria e ira, prosseguem coletando riqueza, mesmo por meios ilegais, com o propósito final do prazer sensorial.

“Nesta consciência demoníaca a pessoa pensa: ‘Hoje consegui o que queria e amanhã conseguirei o que desejo. Tudo isto é meu e, no futuro, terei mais e mais. Matei um inimigo e matarei outros. Sou o senhor de tudo o que me rodeia; sou o desfrutador. Tenho sucesso, poder e felicidade. Quem é que pode igualar minha riqueza e aristocracia? Executarei algum sacrifício dando caridade aos necessitados e, em consequência, desfrutarei’.

“Iludidos por tal ignorância, submersos em ansiedade, vítimas da ilusão e viciados no desfrute sensorial, tais seres, com suas consciências demoníacas, acabam vivendo numa realidade infernal.

“Desse modo, afundando mais e mais no seu egocentrismo, enlouquecidos pelo poder e arrastados pelas correntes bravias da luxúria e da ira, desprezam Deus ao extremo, não podendo percebê-lo como a Superalma situado em seus próprios corpos e dos outros e acabam por imaginar falhas nas boas qualidades do caráter dos verdadeiros santos, os *Vaisnavas*.”

E, concluindo o capítulo dezesseis do *Bhagavad-gita*, Krsna diz:

“Os três portais suicidas que levam a entidade vivente ao inferno são a luxúria, a ira e a cobiça. Portanto esses deveriam ser totalmente relegados... Tendo compreendido estes ensinamentos das escrituras para este plano de ação — isto é, de agir apenas para o prazer do Senhor — convém que se apliquem

estes comandos escriturais, na prática.”

Ninguém é mais prolixo que os mestres *Vaisnavas* em descrever a realidade material. Suas afirmativas, muitas vezes, chocam-nos por sua aparente rudeza. O objetivo, contudo, é ajudar-nos a livrar-nos da hipnose material e do apêgo absurdo a esta condição de vida material. “Quando o cego caminha rumo ao precipício...”, Srila Prabhupada disse, certa vez, como se justificasse a aparente aspereza de suas afirmativas sobre este mundo material, “...devemos pôr de lado até mesmo a gentileza e, se for o caso, gritar, urgir e até mesmo derrubá-lo ao chão, para salvá-lo de perder a vida.”

O *Vaisnava* é o melhor amigo e bem-querente que poderíamos encontrar pois, não só não deseja nos explorar, mas deseja poder ajudar-nos a libertar nossa consciência de todo tipo de engodo e ilusão. Ele é o verdadeiro Guru, ou mestre de nossa alma.

É muito comum ouvirmos os *Vaisnavas* referirem-se à *Maya* (ilusão ou equívoco) deste mundo — esta realidade ilusória à qual sucumbiu nossa consciência. Perdemos até mesmo a capacidade de perceber que sua existência é ilusória, que nossa existência material é uma miragem num mar de consciência. Falar disto às pessoas tem o mesmo efeito de dizer a um louco que ele não é o que pensa ser!

Por toda a vida fomos condicionados a pensar que somos corpos materiais — brasileiro, homem, mulher, jovem, tal nome, tal família, tal nacionalidade... Adoramos o lugar em que nascemos; a pátria é amada, é idolatrada... Respondemos com entusiasmo aos chamados corporais, familiares, nacionais e

humanistas. Somos programados a pensar assim e a tentar explorar a realidade à nossa volta, e, como fiéis carneiros, submetemo-nos pacificamente.

A mãe, segurando ao colo o corpinho de seu bebê, diz: "Que lindo, quão querido!" — Beijos... beijos e abraços e afagos... E chega o pai, o avô e a avó, a tia, e todos pegam-no, acariciam-no, exaltando por meio do afeto corpóreo a identidade ao corpo.

Não é difícil imaginar o que ocorre à nossa consciência, ainda meio adormecida, diante de tantas manifestações de afeto ao corpo, a este pequenino veículo carnal.

É claro que, a partir daí, queremos ser o receptáculo de todo esse êxtase, de tanto elogio. "Sim, sou o corpo; eu sou isso. Sou o centro de prazer... dêem-me mais e mais."

Nisto, cresce o serzinho e logo descobre que não é o único centro do mundo, que há outros disputando a supremacia. Praticamente ninguém, à volta, reconhece quão magnífico e extraordinário ele é. Sente-se incompreendido e segue pela vida afora em busca de quem o entenda, que perceba sua grandeza.

Um belo dia, aparece-lhe alguém muito especial; é especial porque o admira, diz amá-lo; diz-lhe que é lindo, incrível, fantástico, o melhor do mundo e... beijos e abraços, e ele pensa: "Encontrei alguém que me compreende! Vou casar-me com ela." Contudo, se tal encontro não ocorre, carrega sua grande frustração, transferindo-a à busca de reconhecimento na riqueza, na fama e, por último, no poder.



## O Encontro com o Vaisnava

Por outro lado, se for uma pessoa virtuosa poderá, um dia, quando menos espera, cruzar com um dos *Vaisnavas* que passeiam pelas múltiplas dimensões da realidade deste universo material, despertando almas condicionadas. E, se isto ocorrer, ficará inicialmente espantado. Ver-se-á diante de uma alma autêntica — sem medo da verdade de si mesma. Verá alguém corajoso ao ponto de não estabelecer compromisso com nem sequer um pouquinho desta ilusão, por mais doce que ela pareça ser. Verá alguém que se auto-conhece e realiza, humilde, sua própria condição insignificante, infinitesimal — menor que a palha na rua; alguém sem nem uma gota de falso prestígio, tolerante diante das dualidades deste mundo material, amigo, e devotado à beleza e doçura infinitas da Suprema Personalidade de Deus. Verá alguém entregue, rendido, humilde mas, ao mesmo tempo, nobre, altivo e sábio.

Sentir-se-á como é provável que se sinta um pequeno vagalume diante do majestoso sol. Sentirá vergonha de ter sua consciência dedicada ao ego e subjugada por ele e pela mente com seus infindáveis desejos, pensamentos e sentimentos mesquinhos. Desejará poder elevar sua consciência — purificando-a dos afetos e apegos materiais — aos píncaros da existência espiritual. Perguntar-se-á: “O que terá acontecido à pureza, à beleza e ao amor em mim?” E desejará, mesmo que durando apenas aquele breve e espantoso instante, ser um *Vaisnava* também.

Esses nobres sentimentos, sem dúvida, provirão

do *Vaisnava*. Em sua associação, poderá obter, pelo menos, uma centelha de consciência pura.

Diante do sol brilhante da consciência do *Vaisnava*, a penumbra de suas desqualificações desaparecerão e, por algum tempo, pensará que já é um deles — talvez até um grande iluminado!

Contudo, passam-se os anos, e não tarda: o *Vaisnava* se vai. No seu poente voltam a penumbra e a escuridão. Vê, a seguir, que aquilo não era próprio; por empréstimo teve acesso à consciência de Krsna, *krsnanandaya*: a consciência de Deus. O restante de sua vida eterna não poderá deixar de se dedicar a reviver esse estado de excelsa luz, amor e pureza que experimentou na associação do *Vaisnava*.

A experiência desse gosto superior acaba pondo as coisas em seu devido lugar. Tudo passa, desse modo, a ser percebido com seu verdadeiro valor.

Marcado profundamente pela experiência em si, segue adiante tentando aprofundar esse gosto — querendo, mais uma vez, encontrar outro verdadeiro *Vaisnava* que o ajude a progredir. Como consequência, o gosto pela exploração das coisas materiais desfaz-se gradualmente, à medida em que a consciência se liberta de todas as ilusões.

...

## A MORTE

---

Srila Sridhar Maharaj foi sem dúvida um dos maiores expoentes da filosofia *Vaisnava* neste século. Ele disse, certa vez, que a principal utilidade da filosofia é a de nos permitir investigar a morte.

Ao menos nas mentes mais acostumadas a questionar verdades improváveis pelos métodos ditos científicos, a mera idéia de alguém mencionar a hipótese de se falar sobre o além-morte, suscita, de início, a dúvida: “O que é que *Vaisnavas* podem saber sobre a morte que nós não saibamos? Afinal, é até parte do conhecimento popular a idéia de que ninguém jamais voltou do outro lado, do pós-morte, para nos contar o que há por lá!” Mas será?

Ascetas e iogues, na Índia, há já séculos e mesmo —por que não dizer—, milênios, têm-se ocupado em investigar a realidade da morte em busca da possibilidade de transcendê-la. É desta investigação que convergem os inúmeros sistemas de *Ioga*, que concluem nos mesmos pontos fundamentais: o controle do corpo por meio da consciência, e a necessária prática de se controlar o ritmo respiratório e o cardíaco como estágio intermediário para se alcançar esse objetivo. Não é preciso estender-nos sobre a importância destas duas funções vitais. Os filósofos da *Ioga* ousaram contemplar a possibilidade da suspensão da

atividade respiratória e do batimento cardíaco, sem que houvesse cessação total da vitalidade que causaria a morte irreversível. Se tal estado fosse possível, seria deste modo viável podermos testemunhar e documentar o que ocorre na proximidade da hora "H" final.

Desde que o corpo físico é programado para aceitar a vida dentro de certos parâmetros, certamente que, se houvesse "algo" não-corpóreo animando o corpo físico, quando o próprio corpo entrasse em estado pré-mortal, esse "algo" poderia ser detectado existindo em separado do corpo.

Este simples raciocínio iogue expandiu-se do conceito ao desenvolvimento de técnicas de controle consciente da respiração, o que gerou as práticas de *pranayam* — que consistem na expansão dos intervalos entre a inalação e exalação —, até experimentar-se um estado em que surge, de fato, a suspensão, digamos cataléptica, de toda atividade cárdio-respiratória normal.

Mas, enquanto os austeros iogues adotaram essas difíceis técnicas para lograr uma imitação "ao vivo" da morte, houve ainda outros que pesquisaram o efeito controlado da ingestão de drogas-venenos, em doses toleráveis, quase mortais.

Ambos desejavam experimentar o momento que antecede a morte, presumindo, a priori, poder manter-se conscientes do que ocorreria. Desde que, em nossa experiência ordinária é muito difícil permanecer consciente diante da dor extrema (quando a própria consciência nos foge desmaiando ou produzindo a inconsciência, tentando alienar-se do que lhe é intolerável), por essa razão os iogues acabaram por

tornar-se mestres na arte da tolerância consciente da dor, adotando, para tal, austeridades e penitências muito severas que, vistas fora de seu contexto verdadeiro, chocam grandemente nossa visão ocidental.

Neste particular tive a oportunidade de ler a respeito (e em muitos casos observar) narrativas com detalhes estupefacentes, e as descrições minuciosas dos textos Puranas, das atividades austeras dos mais famosos iogues, entre cujos hábitos, além do mais puro celibato, notamos que podiam permanecer por anos nas neves eternas dos Himalaias ou jejuar por tempo ilimitado, chegando, até mesmo em alguns casos, a terem seus corpos recobertos por formigueiros que lhes devoravam as carne.

Querendo ainda livrar-se do medo da morte e da mentalidade mundana de preservação da vida, esses iogues passearam por crematórios, cobrindo seus corpos nus com as cinzas de cadáveres e adentraram as selvas habitadas por feras selvagens. Livres do medo e da dor, puderam, por fim, encarar a morte, face-a-face. Suas experiências encontram-se narradas nos textos *sruti* e *smriti*, e nas escrituras védicas e seus Puranas, como documentos históricos milenares de tais práticas.

No *Bhagavad-gita*, 2.11. Krsna diz:

“Do mesmo modo que a consciência passa, gradualmente, dentro deste corpo, da infância, à juventude e à velhice, assim também, a consciência obtém um novo corpo na morte. Os sábios não se iludem por tal mudança.”

É com tal simplicidade que Krsna nos introduz ao conceito sobre a eternidade e continuidade da cons-

ciência além do corpo. *Kaumaram, yauvanam e jara*: a infância, a juventude e a velhice, vistas como um todo contínuo, não nos permitem perceber que houve um “algo” presente como uma mesma unidade consciente tanto no corpo infantil, quanto no jovem ou velho. A mesma consciência percebe a realidade através de veículos físicos diferentes.

A ciência já observou que, a cada sete anos, troca-se a substância celular componente dos corpos. Não seria errado portanto dizer que, a cada sete anos, nossa consciência (a mesma e imutável) situa-se em novo corpo, reencarnando em carne feita de novos constituintes.

Aquele que está corporificado diferencia-se do próprio corpo e, a cada instante, está trocando de corpo. É algo assim como o que ocorre num redemoinho de água: as moléculas de água de suas paredes estão mudando, mas sua forma dinâmica permanece a mesma. Similarmente, a substância que constitui nosso corpo está sendo trocada a todo momento: quando comemos, bebemos, respiramos, transpiramos, expiramos, evacuamos, etc. Entretanto, em meio a tais mudanças na matéria prima do corpo, permanecemos a mesma unidade individual de consciência, somando as vivências vividas em nosso corpo sutil composto de uma mente e de uma inteligência sutis, revestidas de um ego falso que identifica o eu aos corpos.

Srila Prabhupada escreveu em seu comentário ao *Bhagavad-gita* que:

“Não há continuidade para o corpo físico. A ciência médica atual admite que o corpo está mudando a

cada momento, pelas ações e reações das diversas células. É por essa dinâmica que o corpo cresce e envelhece. Mas a consciência é percebida como algo permanente, a mesma, apesar de todas essas milhões de mutações que ocorrem ao corpo e à mente. Aqui reside a diferença entre matéria e consciência.”

No mesmo *Bhagavad-gita*, 2.17, Krsna diz:

“Saiba que o que impregna todo o corpo é indestrutível; ninguém é capaz de destruir a consciência imperecível.”

E, em seu comentário, Srila Prabhupada comenta:

“Este verso explica, de forma ainda mais clara, a verdadeira natureza da alma, que impregna o corpo inteiro com consciência. Isto pode ser percebido por qualquer um. “Somos conscientes das dores e prazeres apenas de nosso corpo — seja em parte ou no todo. Esta distribuição de consciência limita-se ao próprio corpo. Os prazeres e dores de um corpo são desconhecidos a outrem. Portanto, cada corpo é a corporificação de uma alma individual, e o sintoma de sua presença percebe-se como consciência individual.

“Esta pequenina centelha espiritual de consciência é o princípio fundamental do corpo material, e sua influência distribui-se por todo o corpo, da mesma forma que a influência do princípio ativo de algum remédio espalha-se por todo corpo. Esta corrente da alma espiritual é sentida por todo o corpo como consciência — que é a prova da presença da alma. Qualquer leigo pode entender que o corpo material sem consciência é um corpo morto, e que esta consciência não pode ser revivida, no corpo, por nenhum meio administrado materialmente.”

A dimensão da alma espiritual e seu sintoma é descrito no *Mundaka Upanishad*, 3.1.9:

“A alma tem dimensão atômica e pode ser percebida por meio de uma inteligência aperfeiçoada. Esta alma atômica flutua em cinco tipos de ar (*prana, apana, vyana, samana e udana*); situa-se dentro do coração e espalha sua influência (consciência) a todo o corpo das entidades vivas corporificadas. Quando a alma se purifica da contaminação dos cinco tipos de ares materiais, exibe sua influência espiritual.

“O sistema de Ioga destina-se a controlar os cinco tipos de ar que circundam ou envolvem a consciência da alma pura, por meio das variadas posturas — não para mero ganho material — e para libertar a minúscula alma do enredamento da atmosfera material.”

É ainda no *Bhagavad-gita*, 8.6, que encontramos Krsna revelando a Arjuna um dos mais úteis conceitos sobre a morte:

“Ó filho de Kunti, Arjuna! No momento da morte, alcança-se qualquer estado de consciência em que se medite. Isso é devido à constante contemplação desse plano, durante a vida.”

No decorrer da vida, fixamo-nos em certos estados de consciência que determinam nossos anseios e aspirações. Tais anseios tornam-se contemplação constante que, como uma segunda natureza, fica gravada no subconsciente; e, no momento da morte, quando a vida é repassada num *flash-back*, tendemos a fixar nossa atenção nos aspectos da vida que mais nos atraem, e a rejeitar os que não nos atraem. Essa atração e rejeição transformam-se no novo paradigma que determina o rumo de nossa existência contínua



na próxima encarnação.

A soma total de nossos sacrifícios, desejos, anseios, apegos e objetivos acumulados nesta vida determinam o rumo de nossa próxima vida. É como se enviássemos informação ao computador da energia material, e esta, então, escolhesse dentro da sua memória cósmica a situação existencial compatível a nossas necessidades. Nossa consciência, nisto, desempenha um papel preponderante na escolha das experiências de nossa próxima vida.

Já que cultivamos uma consciência que, em geral, se volta para a exploração da realidade material, acabamos tendo de reencarnar continuamente nas dimensões materiais, colhendo agora os frutos das ações semeadas no passado: *karma* e reencarnação.

A morte é explicada pelos *Vaisnavas* como o momento de transição em que são avaliadas todas as tendências daquela unidade individual de consciência em suas relações com a realidade experimentada. É o julgamento final, que se repete a cada final de vida.

Este resumo sobre a morte não estaria completo se não mencionasse que os *Vaisnavas* e suas escrituras enfatizam sempre que a alma-*jiva* não deveria desperdiçar esta valiosa oportunidade da vida em forma humana correndo atrás dos prazeres fugazes e temporários da existência material, o que seria uma vida "morta". Deveria, isso sim, cultivar a consciência de Krsna, a conexão com a Suprema Pessoa de Deus, quem é transcendental a esta dimensão mortal da realidade. Religados a ele, poderemos experimentar, também, o estado de transcendência.

A morte, para aqueles que não cultivam a vivência

espiritual, nada mais é do que a transferência da alma de uma cela corpórea a outra que ficará também como a anterior: envelhecida e gasta. Pode vir a ser, por outro lado, o trampolim para os que, libertos do condicionamento material, perderam o gosto de correr, em cada corpo, atrás dos mesmos objetos de prazer, estes próprios revestidos de corpos cujas diferenças são insignificantes, e que jamais lhes permitirão experimentar o tão almejado prazer eterno.

O realismo *Vaisnava* pode, às vezes, ser muito chocante chegando a assemelhar-se a um acentuado nihilismo; mas esta visão da morte é madura, libertante e corajosa. Nega só o que é inexistente por não ter continuidade. Afirma, categoricamente, o que tem existência contínua. Tem uma visão diferente do “ser ou não ser”, desde que vivencia que o *atma* é quem tem existência real poque eterna, e *Maya*, a energia material ilusória, é o inexistente pois é temporária.

Morte é *Maya*; dela emerge o real, a consciência, liberta das coberturas ilusórias — findo o show — e das maquiagens, ornamentos, adereços e personas do desanimante (porque finito) espetáculo mambembe do teatro material.

Morte é isso: fecha-se a cortina da última temporada daquela peça sempre cafona com seus personagens sempre superficiais.

Após novo ensaio sobre o texto pré-escrito durante o espetáculo anterior, reabre-se a cortina para um novo espetáculo da mesma atriz: a alma, em seu novo personagem também superficial, atuando um drama também comum, que também tem sempre o mesmo fim: a morte.

Espetáculo após espetáculo... Para quem gosta, uma interminável, tediosa e fantasmagórica seqüência de espetáculos onde essa alma-atriz, destinada a grandes papéis e performances num cenário transcendental eterno, iluminado e pleno de êxtase, ocupa-se, ao invés, em interpretar papeletes vulgares, ora rindo, ora chorando, numa vida sendo o espectador, noutra seu crítico, noutra seu produtor... Um *show* barato, brega e de baixa categoria, o que é na verdade lamentável para quem conhece o grande potencial dessa alma-atriz.

...



**E**ste é um dos termos mais freqüentes da literatura védica. *Ma-ya*: aquilo que não é; o equívoco, a ilusão.

Quando analisam a criação, os *Vaisnavas* apresentam os conceitos de uma criação real e outra ilusória, *maya*.

As energias criativas subdividem-se assim em dois grupos: *Ioga-maya* e *Maha-maya*.

*Ioga-maya* vem a ser a energia interna e conectante do Absoluto e criadora das realidades.

*Maha-maya* é a energia externa, material, que desconecta a alma espiritual do seu Senhor.

*Ioga-maya* caracteriza-se por religar (ioga) a alma individual ao Senhor Supremo; cria a dimensão espiritual onde tudo é feito de *chintamani*, pura consciência, sem o menor vestígio de contaminação com as oito substâncias materiais — terra, água, fogo, ar, éter, mente, intelecto e ego-falso. É nessa dimensão de *Ioga-maya* que o Absoluto *Brahman*, assumindo Forma e Personalidade, desfruta suas brincadeiras amorosas em paisagens pastoris de beleza total, com seus associados eternos que, pela influência deste tipo especial de ilusão (*Ioga-maya*), esquecem-se de sua categoria subordinada e da condição absoluta do Supremo, e são vistos brincando de igual para igual com

Ele, quem, muitas vezes até, deixa-se sobrepassar e dominar pelo amor de seus devotos. Ioga-maya manifesta a condição ideal e perfeita para que o Absoluto complete suas qualidades na forma de Radha e Krsna — o casal divino —, e para que as almas individuais possam ser coadjuvantes nos passatempos amorosos transcendentais do casal supremo.

Mas a *Maha-maya* é assim definida por Krsna no *Bhagavad-gita*, 7.4:

“Terra, água, fogo, ar, espaço, mente, inteligência e ego-falso—ao todo estas oito compõem minhas energias materiais separadas (*maya*).”

Esta dimensão, composta dos oito elementos, é uma manifestação temporária da energia do Senhor. *Maha-maya*, a grande *Maya*, é responsável pela produção deste universo material em toda sua extensão, com todas as variedades de formas de vida (8.400.000), e todas as possibilidades de interação entre as mesmas (*karma*).

O por quê de sua existência pode ser explicado ao se compreender a existência do livre-arbítrio da entidade vivente individual, o *atma*.

Como parcela de Deus, a criatura possui, em quantidade infinitesimal, as qualidades do Senhor, quem é *svarat*, supremamente independente. Esta nossa minúscula independência, garantida num livre-arbítrio limitado, é necessária no estágio último de evolução espiritual para garantir que a escolha de amar a Deus seja fruto de uma opção livre e independente; não se concebe o amor como fruto da coação. Contudo, a possibilidade do mau uso deste livre-arbítrio cria a necessidade de existir uma dimensão da

realidade onde a criatura possa viver sem querer dar seu amor ao Supremo. Tal dimensão terá de se caracterizar pela onipresente ignorância de Deus encobrindo a consciência individual das pequeninas almas-jiva, que desejam, por outro lado, viver pensando-se independentes da Vontade Suprema, a fim de poder explorar, em separado, as energias do Senhor.

É desse modo que, devido à influência da energia *maya*, a alma condicionada passa a considerar-se independente em suas atividades, ainda que é dependente em tudo, desde no ar que respira, na chuva que rega os alimentos, no sol, na terra, nas outras criaturas da Criação... Somos, em última análise, interdependentes e dependentes da vontade de Deus, mas *Maya* faz-nos pensar que somos independentes e faz com que urremos, aos quatro ventos, nossos gritos de "independência ou morte"... para que no final, de certo, só exista a morte.

Cobrindo-nos de inconsciência, *Maha-maya* nos conduz ao conceito corpóreo de vida (eu sou o corpo) e faz com que desenvolvamos a idéia de "eu" e "meu". Só assim, identificados às energias separadas do Senhor, podemos chegar a acreditar que estamos separados Dele e acabamos centrando nossa busca de prazer na falsa identidade obtida em contato com *Maya* — esta miragem no plano da consciência.

Hipnotizados, levados a crer que somos o que não somos, o corpo físico, a mente e o falso-ego, construímos um mundo ilusório onde não existe Deus.

As pessoas condicionadas por *Maya* pensam:

"Olhe! Observamos a realidade do mundo à nossa volta, minuciosamente, com nossos sentidos —

expandidos com instrumentos de uma tecnologia 'sofisticada' — e concluímos que não existe Deus algum. Há apenas energia material — átomos, neutrões, prótons, *quarks* — e nada de Deus. Nossos instrumentos 'provaram' que não existe Deus; este poderá vir a existir no futuro como resultado da seleção natural e evolução do homem. Só existe a criatura, sem o Criador, destinada a explorar a criação para seu benefício material último, e sobrevivência do mais capaz. E não há nada de Criador a ser encontrado em nossa pesquisa de satélites, microscópios e telescópios super-potentes e eletrônicos. Pra onde olhamos vemos, somente, que tudo é energia — tudo provém do caos. Acreditamos que houve um tempo em que todas as energias estavam coesas numa maçaroca energética una, e, de repente, sem causa concebível (que teria explodido junto), a gororoba, a grande sopa cósmica explodiu, e, quando abaixou a fumaça intergaláctica do *Big-bang*, encontramos o universo conhecido, com suas leis harmoniosas, equilibradas; a natureza cheia de sabedoria, e as criaturas evoluindo na seleção natural das espécies, devido à luta pela sobrevivência, explorando seus meios ambientes particulares para deles se beneficiar. Não; não há por trás da realidade nem plano nem planejador, nem alguém pensando as coisas todas!"

Apesar de tais idéias mayávicas serem discutidas a sério nos fóruns científicos, para o transcendentalista védico, tais afirmativas mais parecem ser as falas engraçadas de personagens dementes, dominados por uma razão doente e por uma aguda insensibilidade espiritual. Mesmo assim, estas idéias sublinham o pen-



samento científico moderno. A inexistência do Pensador por trás da Criação é uma idéia básica da ciência mecanicista. Tal é o implacável poder de *Maha-maya*, tão implacável ao ponto de poder criar tal tipo de consciência estupidificante.

*Maya* diz:

“Você quer negar Deus? Então, eu provejo um tipo de inteligência que exclui o conceito de Deus. Produzo desarmonia entre as entidades vivas e o Senhor delas. Todos, na verdade, recebem posições e são mantidos pelo Senhor, porque ele é o Ser Supremo. Mas, as criaturas tolas, embora estejam, de fato, sob o controle dele, desafiam sua existência. Esta é minha potência! É sob minha influência que se diz que ‘Deus não existe’ ou que ‘Tudo é vazio’, ou então que, ‘Se existir, Deus não poderá ter forma’.”

Srila Prabhupada escreveu:

“As misérias da alma pura, e o rompimento de sua auto-identificação, são manejadas pela energia externa (*Maya*) do Senhor, a qual controla as entidades vivas perversas que desejam manifestar-se contra a vontade do Senhor. Na verdade, não há cativo e nem miséria material para a entidade viva; tampouco, ela jamais perde seu conhecimento puro. Em sua consciência pura, ao pensar com um pouco de seriedade sobre sua posição, pode entender que é eternamente subordinada à misericórdia do Supremo, e que sua tentativa de ser independente, ou de tornar-se uma com o Senhor, é, de fato, uma ilusão.

“Vida após vida, a alma individual tenta assenhorear-se da natureza material e tornar-se senhora do mundo material, mas sem resultado tangível. Por

fim, frustrada, abandona suas atividades materiais e tenta tornar-se una com o Senhor, especulando com muitos malabarismos de palavras e conceitos ditos filosóficos, mas sem obter sucesso. Todas suas atividades, até esse ponto, são executadas sob o ditame de *Maya*, a energia do Senhor.”

No *Bhagavad-gita*, 7.14, Krsna diz:

“Esta minha energia material tri-modal e ilusória, conhecida como *Maya*, é praticamente intransponível. Entretanto, aquele que se entregou, plena ou exclusivamente a Mim pode, é certo, atravessar esta fantasmagoria formidável.”

Nesta dimensão material, e sob a influência da hipnose ilusória de *Maya*, ninguém quer ser um servo; todos querem ser o amo.

No “Inferno” de Milton, Satanás vaticina:

“É melhor reinar na Terra do que servir no céu.”

O falso domínio é a doença espiritual básica da alma condicionada. Enquanto anseia — iludida por *Maya* — em se tornar a senhora de tudo e de todos no mundo material, a alma é forçada a tornar-se serva do próprio mundo material. Esta é a real posição da alma condicionada, e a última armadilha de *Maya* surge na forma do conceito de que ela pode chegar a tornar-se una com o Senhor, enquanto permanece no cativeiro material, sob o efeito quimérico de julgar-se uma alma liberada e “igual a Deus”.

...

Neste ponto da narrativa, ficou esclarecido que os textos *Vaisnavas* são repletos de afirmativas sobre a transcendência, sobre a identidade não-corpórea, não-mental, não-intelecto e não-ego da entidade viva. A prática de Ioga é o corolário experimental dessas verdades.

Os Vedas descrevem que, em outras eras cósmicas — como a *Satya-yuga* (a era de ouro da humanidade que aconteceu há cerca de três milhões de anos) —, a duração da vida humana podia estender-se até cem mil anos solares. Nesse então, contamos, praticava-se o sistema de Ioga completo como um estilo de vida progressiva e evolutiva em nossas vivências espirituais.

Nos primeiros dez mil anos de vida, podia-se praticar *Hatta-ioga* para aperfeiçoar o corpo físico e, por meio das técnicas de *pranayam*, controlar a respiração e expiração, o batimento cardíaco, equilibrando *ida* e *píngala*, o sistema nervoso vinculado à inalação e exalação dos ares do corpo, obtendo, desta maneira, um estado de paz mental que precede a incursão consciente nos planos da realidade sutil. Neste ponto iniciava-se a *Raja-ioga* — a Ioga da mente e das viagens pelas dimensões sutis da realidade, revestidos de corpos mentais.

Este corpo sutil, composto de substância mental, de inteligência e de ego, é, em muito, superior ao corpo físico e permite que se explorem dimensões também, em muito, superiores à dimensão física. É nestas dimensões sutis, conhecidas como *Bhuvan-loka*, *Svarga-loka*, *Tapa-loka*, *Mahar-loka*, *Jana-loka*, *Satya-loka*, *Brahma-loka*, etc., que a alma tem a oportunidade de conhecer seres muito elevados no conhecimento e sabedoria dos Vedas e, sob sua orientação, iniciar-se nos mistérios da criação em *Jñana*-ioga, a loga do conhecimento.

A abordagem de *jñana* parte do pressuposto de que o Criador embutiu em sua criação o conhecimento total de si mesmo, de sua criação e o método funcional prático para se poder sair dos seus limites indo além das couraças que encobrem estas dimensões física e sutil da matéria, podendo ainda dirigir-se rumo às dimensões espirituais, transcendentais. Este *jñana* (conhecimento) é descendente e não pode ser o sub-produto resultante da soma de informações obtidas da observação empírica empreendida por seres imperfeitos já que conhecimento não pode ser o simples resultado da adição de todas as células de ignorância.

No texto *Bhagavat-Purana*, encontramos descrição detalhada de como a Verdade Absoluta foi revelada à consciência de Brahma — o primeiro ser criado dentro do universo material —, concedendo-lhe, desse modo, os elementos necessários para que desempenhasse as funções de criador secundário desta realidade material. Brahma, por sua vez, transmitiu este *jñana* a seus primeiros 'filhos'; estabeleceu,

desse modo, uma sucessão discipular que, desde o início da criação do universo material, preservou sua autenticidade. Brahma, é preciso que se diga, é o primeiro *Vaisnava* do universo, um puro devoto e um canal límpido por meio de quem tal luz penetra as coberturas do universo material. A consciência espiritual manifesta-se através da consciência individual — neste caso, através da pura consciência de Brahma. É dele que se expande a genealogia *Vaisnava* e, com esta, o cuidado e a proteção desse conhecimento que, de outro modo, seria oculto — o maior tesouro secreto da criação.

O iogue bem-sucedido pode elevar-se à dimensão sutil de Brahma, cultivando as qualidades iogues do auto-controle, religiosidade, austeridade, limpeza interna e externa, pureza, simplicidade, desapego, disciplina mental, despojamento material e ascetismo. Fica, deste modo, tão disciplinado nas atividades de sua mente que não mais pode ser perturbado por qualquer tipo de desejo material — dentre os quais o sexo é o principal no que respeita a apegar a alma espiritual a estes veículos corpóreos físicos.

### **Axioma Um: Não Somos o Corpo**

A experiência inicial do sistema iogue ocorre no estágio *hatta-ioga* e consiste na vivência prática de não sermos o corpo material.

No *Bhagavad-gita*, 2. 22, Krsna ensina que:

“Assim como a pessoa muda de roupa, trocando a velha por uma nova, do mesmo modo a alma espiritual troca de corpos deixando o velho e inútil.”

Esse, que é o axioma número um dos Vedas — não sermos o corpo físico — é experimentado no laboratório individual do iogue que se dedica, seriamente, à prática da *hatta-ioga*. Por meio das variadas posturas, chamadas de *asanas*, pratica-se remover a consciência dos diversos pontos do corpo. É algo prático o que ocorre: a consciência foge da dor da postura (*padmasana* por exemplo), e o sentimento de dormência da parte incômoda invade o corpo todo.

Essa prática nos leva, ao final, a termos domínio sobre a atuação da própria consciência sobre o corpo, em parte e no todo.

Quando se tem o domínio que nos permite remover a consciência de uma parte do corpo e expandimos esse poder, chegamos ao ponto de poder retirar, plenamente, a consciência do corpo todo. Desse instante em diante, temos a vivência clara e lúcida de que não somos o corpo mas a consciência que o anima.

Vemos a visão vista pelo olho — não somos o olho; ouvimos o som captado pelo ouvido — não somos o ouvido. Se perdermos o olho ou a audição, perceberemos que perdemos os instrumentos de percepção, mas continuamos com a consciência visual e auditiva.

Se pudermos remover nossa consciência de uma parte, ou mesmo — e o que é mais difícil — do corpo todo, estaremos vivenciando a realidade de nossa existência à parte do corpo. Tal vivência é acelerada pelos métodos de *hatta-ioga*, que, ao contrário do que propagam exploradores da ingenuidade e do bolso alheio, não é apenas uma mera ginástica ou,

muito menos, algum método criado apenas para alcançar o bem-estar físico.

### **Axioma Dois: Múltiplas Dimensões**

O Segundo axioma védico revela a existência de múltiplas dimensões de realidades manifestas paralelamente, numa gradação que vai desde a matéria densa deste nosso mundo à sutil, e transcendendo-as.

Tendo aprendido a remover a consciência do corpo físico e situando-a no corpo sutil, o iogue começa, sob a supervisão de seu Guru (mestre espiritual interior), a desenvolver a forma de seu corpo sutil e aprende, também, os métodos de transferência às dimensões progressivas e sutis da realidade. Nestas dimensões terá a chance de conhecer os sábios de *Mahar-loka*, os ascetas de *Tapo-loka*, podendo mesmo chegar a conhecer em pessoa o próprio senhor Brahma, o senhor Shiva e outros semideuses extraordinários. Estas vivências acabarão despertando o desejo de conhecer o porquê da Criação e de nossa existência. “Quem somos? De onde provimos? Para onde nos estamos dirigindo?”

Nessa prática de *Rajaioga* dispense-se bem uns 20 mil anos na *Satya-yuga*. Conseqüentemente, acaba-se familiarizado com as múltiplas dimensões da realidade, seus habitantes e sabedoria. Mas, aprende-se também que, do mesmo modo que não somos o corpo físico, também não somos esse corpo sutil, feito de mente, inteligência e ego — três substâncias no todo diferentes de nossa essência espiritual.

Pelo contínuo exercício de observação da mente,

esta acaba por se transformar em um instrumento útil ao iogue, que dela se utiliza para suas necessidades de percepção das dimensões; a inteligência material, que nos concede uma compreensão apenas em termos duais, é, nisto, vista como uma ferramenta muito limitada aos objetivos maiores da Ioga; e o ego, que é o elemento mais sutil — composto da substância material mais rarefeita e, por conseguinte, de difícil detecção — acaba por ser percebido quando, por grande fortuna e mérito acumulado, o iogue encontra em seu caminho pelas múltiplas dimensões da realidade, um real *Vaisnava*, diante do qual acaba se prostrando comovido por sentimentos de genuína humildade.

### **Axioma Três: Do Conhecimento**

O terceiro axioma Védico é que o conhecimento da Verdade Absoluta está embutido em cada unidade individual de consciência, na forma do *Paramatma*, a Super-Consciência, o aspecto localizado do Supremo. É aqui que o iogue passa então a tentar contactar o *Paramatma* em seu próprio âmago, por meio dos métodos de meditação concentrada, de que o senhor Shiva é o *Mahaiogue*, ou o Mestre supremo.

Deste ponto em diante, e auxiliado pelo Mestre *Vaisnava* (o iogue perfeito) que vem a ser a manifestação externa de *Paramatma*, o discípulo aprenderá a detectar, dentro de sua própria consciência, a presença da Super-consciência, de quem provém a lembrança, o conhecimento e o esquecimento. Assessorado pelo Mestre interior, o iogue prepara-se para ir além dos limites das dimensões materiais gros-



seiras e sutis e ingressar nas dimensões espirituais, situadas no *Brahman-*dyotir**: a infinita refulgência da luz do *Brahman* — a região *sat-cit-ananda* (eterna, consciente e bem-aventurada).

### **Axioma Quatro: Dedicção Amorosa**

É claro que, preliminar à sua liberação para além das fronteiras da realidade material, foi preciso demolir a falsa concepção de ego.

Não mais subsiste a idéia de que se é o centro de desfrute e, menos ainda, uma unidade exploradora dos objetos dos sentidos, da mente ou da inteligência.

Ao se auto-vivenciar como uma unidade dedicada ao Supremo, ao Ser Absoluto, à Suprema Personalidade de Deus, e imbuído do espírito humilde de dedicação espontânea, o iogue penetra as regiões superiores da devoção: *Bhakti*-ioga.

Aqui, os sentimentos devocionais de humildade genuína, entrega amorosa e servidão são estados de consciência preliminares à liberação final da alma do cativo material das coberturas do universo material.

Falei de quatro axiomas importantes dos Vedas. Entretanto, o mais importante deles, e que impregna os textos sagrados *Vaisnavas*, compõe a idéia de que a experiência do amor puro é a loga mais completa e poderosa, pois a força conectante do amor divino é inquestionável e incomparável a qualquer outra loga.

No *Bhagavad-gita*, 6.47, Krsna diz:

*bhaktya mam abhijanati  
yavan yas casmi tattvatah*

tato mam tattvato jñatva  
visate tad-anantaram

“Pela potência dessa devoção suprema, a pessoa é capaz de conhecer, completamente, a Minha natureza de Senhorio e Majestade onipotente (*aisvaryam asya-svarupa*). Por conseguinte, obtendo percepção de seu divino relacionamento comigo, ela ingressa no grupo de Meus associados pessoais íntimos, cuja natureza não difere da Minha.”

Participando desse grupo, o iogue manifesta as qualidades da consciência que lhe permitem situar-se no campo da devoção autêntica. Humilde, tolerante e oferecendo todo respeito aos outros, decorado destas qualidades espirituais supremas e sem querer seguidores, riqueza, belas mulheres ou fama, ingressa nas dimensões espirituais onde poderá assumir sua forma espiritual eterna, numa relação neutra (*santa*), como servo (*dasya*), como amigo (*sakhya*), como parente (*vatsalya*) ou em *madhurya*, como amante do Supremo Senhor.

Se sua consciência estiver coberta por concepções de respeito e veneração pelo Deus Supremo, não lhe será permitido ingressar na dimensão Vrndavana; terá que permanecer nas dimensões espirituais de Vaikuntha, onde o Supremo assume as formas de Narayana-Visnu quando é adorado revestido de todas as Suas opulências transcendentais.

Mas, ao Se despir de todas essas opulências de poder, riqueza e onisciência, auxiliado para tal por sua potência de *Ioga-maya*, e desejando misturar-se às criaturas como um Seu igual — e às vezes, como um

Seu subordinado — o Absoluto manifesta-se como Krsna, o pastorzinho de vacas onibrincalhão e onitruante por seu encanto, amor e beleza sem par.

A dimensão Vrindavana, conhecida apenas pelos *Vaisnavas* — que são os iogues perfeitos —, é a matriz arquetípica transcendental do que é mundanamente conhecido como a realidade. Ao se projetar por diversos elementos mais densos, sob a influência dos vários modos da natureza material, termina por compor novas dimensões da realidade, cada vez menos brilhantes e menos puras quanto mais estiverem misturadas aos elementos materiais.

Ao se misturar ao respeito e à veneração transforma-se em Vaikuntha; combinada com ego, intelecto e mente, transforma-se nas realidades sutis da matéria; e, somada a desejos grosseiros de exploração da realidade, cria-se como esta realidade material grosseira (terra, água, fogo, ar, éter).

Ioga, por fim, vem a ser o processo por meio do qual, e a partir do ponto em que estamos na relatividade da criação, podemos iniciar nossa viagem através dessas dimensões, ascendendo das dimensões da exploração até alcançar a dimensão espiritual, e isto usando a energia transcendental apropriada, que é nossa consciência já descondicionada de seus revestimentos, couraças e coberturas diferenciadas: o corpo físico, com seus sentidos de percepção, e mais a mente, o intelecto e o ego falso.

...



## DHARMA

---

**D**harma é a natureza intrínseca de algo. O *Dharma* do fogo é o calor, e da água a humidade. Nesta luz, o *Dharma* da alma, a sua natureza própria, deveria ser considerada com muito cuidado e atenção.

Os textos védicos *Vaisnavas* afirmam que, *jivera svarupa hay nitya krsna das*: o *Dharma* da alma-*jiva* é sua natureza de eterno servo do Senhor. A alma, por meio de sua consciência, ora serve o próprio corpo e os sentidos de percepção ora os desejos, pensamentos e sentimentos da mente; ora serve para iluminar a inteligência ora empresta realidade ao falso-ego. E, no plano social, a alma serve ainda aos membros familiares, o verdadeiro político serve aos interesses do povo, o altruísta serve aos necessitados, o médico serve ao paciente, a mãe serve aos filhos que servem aos pais; o esposo serve à esposa que serve ao esposo...

Servir é a natureza essencial de todas as coisas móveis e imóveis. A inter-dependência de todas as unidades do Todo estabelece-se em base à serventia. Cada coisa, cada item da criação, presta serviço ao todo pela característica própria de sua função. A forma assumida, aliás, é intimamente unida à sua função, como abordamos anteriormente. A função é essencial enquanto que a forma é existencial — esta é

serva da função (que, em última análise, significa serventia: *Dharma*).

Contudo, podemos identificar o *Dharma* ocorrendo em diversos níveis de consciência. Nas dimensões materiais o *Dharma* da alma condicionada manifesta-se conforme as inúmeras combinações dos modos da natureza. Portanto, encontramos *Dharma* no modo da bondade, ou da paixão ou da ignorância.

No *Bhagavad-gita*, 17.4, Krsna nos instrui:

*yajante sattvika devam  
yaksa-raksamsi rajasah  
pretam bhuta-ganams canye  
yajante tamasa-janah*

“As pessoas influenciadas pelo modo da bondade adoram os semideuses de boa natureza; os que tem a natureza apaixonada adoram semideuses demoníacos, enquanto que os que estão imbuídos de uma fé ignorante adoram, no plano da escuridão, a fantasmas e espíritos.”

Em todos os casos e conforme o grau de influência dos três modos da natureza material sobre o indivíduo — seja bondade, paixão ou ignorância —, a consciência individual da entidade viva ocupa-se em servir o objeto de sua devoção com seus pensamentos, palavras e atos. A conseqüência dessa dedicação é que o adorador conecta-se (ioga) ao adorado.

Como Krsna diz, no *Bhagavad-gita*, 9.25:

*yanti-deva-vrata devam  
pitri-yanti pitri-vratah*

*bhutani yanti bhutejya*  
*yanti mad-yajino 'pi mam*

“Os adoradores de semideuses alcançam seu semideus; os que adoram antepassados transferem-se para a dimensão dos antepassados, e os adoradores da seção fantasmal transferem-se ao plano dos fantasmas e espíritos. Entretanto, aqueles que Me adoram, sem dúvida, virão a Mim.”

Os *Dharmas* em conformidade aos modos da natureza material são, entretanto, ocupação temporal da consciência individual, regulando suas atividades no sentido de purificar suas aspirações. Neste sentido, *Dharma* é religião como é conhecida mundanamente e constitui-se de regras éticas.

Tanto no âmbito social quanto individual, são necessárias leis que normem o comportamento das diversas classes de seres humanos. Neste particular, os Vedas contém um vasto cabedal de informações que auxiliam a compreendermos as diversas religiões conforme as necessidades do *karma* individual e coletivo dos seres humanos.

A análise psicológica e social dos vários grupos, conforme a qualidade do trabalho que são capazes de desempenhar, acaba por dividir a sociedade humana em quatro grupos distintos: artesão-operário, comerciante, guerreiro e filósofo — *sudra*, *vaisya*, *ksatriya* e *brahmana*, respectivamente.

O *karma* particular de um grupo gera, também, a necessidade de um *Dharma* específico que sirva à qualidade daquele grupo em especial.

Enquanto o *Dharma* de um *brahmana* é o cultivo

do conhecimento transcendental e das qualidades sábias da humildade, tolerância, limpeza, autocontrole, pureza, honestidade, religiosidade e paz, o *ksatriya* cultiva, em seu trabalho, as qualidades nobres do heroísmo, do poder, da determinação, da coragem, da generosidade e da liderança. Os comerciantes *vaisya*, por sua vez, ocupam-se em ordenar a produção dos bens de consumo necessários ao pleno funcionamento de toda a sociedade humana e os *sudras*, que são os operários e artesãos, dedicam-se a executar trabalhos variados, servindo aos outros grupos sociais.

### **Progressão na Realização de Deus**

Os vários níveis de religião organizada atendem ao propósito de elevar, progressivamente, as pessoas ao estado de religiosidade genuína. Estas não conflituam entre si do mesmo modo que as várias séries do sistema de educação avançam complementando-se na seqüência sempre mais abrangente.

Existe uma relação das atividades mentais de pensar, sentir e desejar que, ao serem modificadas pelos três modos da natureza material, geram a necessidade dos variados níveis de *Dharma*.

A alma condicionada, enquanto permanece influenciada pelo modo da ignorância, aceita, sem muita consciência, as regras normativas em sua vida, o que se baseia principalmente no medo do castigo: seja este o arder no eterno fogo dos infernos ou ser tomado pelo Satã. Medo e terror são vistos como a matéria prima da fé na confecção dos princípios que



regulam suas vidas. Os fenômenos da natureza e seus inerentes problemas para a vida causam insegurança, o que gera a busca de ajuda e proteção no sobrenatural — nos espíritos da floresta, do raio, do trovão, da magia, etc. Ignorando as leis sutis do *karma*, a pessoa pensa poder livrar-se das reações de suas atividades ímpias oferecendo seu serviço a bruxos e feiticeiras em troca de poções ou bênçãos salvadoras. É claro que a ação nesse sentido poderá produzir o efeito material que se deseja, o que depende sempre na qualidade da fé aplicada na ação.

O poder que concede o alívio nasce dos atos de sacrifício, mesmo que estes sejam executados na ignorância e oferecidos a entidades inferiores.

Na Índia, até os dias atuais, observamos as pessoas desse grupo adorando a Kali e Shiva. A adoração em si é esteticamente feia e bizarra. A oferenda do bode e seu sangramento até a morte, o canto dos hinos, o ambiente telúrico, escuro, enfumaçado, causam o efeito desejado: prender o indivíduo pelo medo e ignorância a fim de poder regular-lhe a vida por meio de algum tipo de sacrifício (sacro-ofício) podendo desse modo elevá-lo gradualmente.

É claro que um dia a pessoa, tendo se associado a modos da natureza superiores, compara tais práticas superiores à sua religião e vê e se questiona, “Mas o que é isto? O que estou fazendo aqui? Por que, nesta minha religião, praticam-se atos terríveis em nome da fé? Esta outra religião me satisfaz mais, é mais bela, mais atraente, fala de algo superior! Vou trocar de religião — vou me converter.”

Em geral, é raro isto ocorrer numa mesma vida

desde que a duração da vida humana, atualmente, é curta demais para permitir a transformação dos modos da natureza que influenciam a pessoa. Mas é possível que isto aconteça, por meio da associação favorável com pessoas mais elevadas, o que permite que a consciência se eleve a uma concepção teísta mais generosa e mais próxima do Centro Absoluto, Deus. Movendo-se através dos modos da natureza elevar-se-á da ignorância à paixão e por fim à bondade.

No modo da paixão, admira e adora homens poderosos que, em geral, pelo seu convívio com o poder, acabam mostrando um caráter arrogante, egocêntrico, autocrático, déspota e tirânico. Começa a perceber que existem controladores por trás dos poderes da natureza: semideuses — donos de um poder tamanho que em muito suplanta o dos homens poderosos. Executando sacrifícios caros e complexos a tais semideuses, busca obter deles retribuição na forma de favores de cura, riqueza material, beleza, poder, sexualidade, fama, bom casamento e boa prole — o panteon de benesses materiais. Pratica-se aqui a religião motivada materialmente. O conceito de um Deus Supremo inexistente. O politeísmo predomina. Sentindo-se desamparado e joguete nas mãos da natureza, procura o apoio de seres superiores unicamente devido a seu desejo de poder explorar a natureza material para seu prazer egoísta.

Aqui encontra Indra, o senhor da chuva, Chandra, o senhor da Lua, Agni, o senhor do fogo, Surya o senhor do sol, Gangamayi, a Deusa do Ganges; Brahma é o criador do universo material, Vishnu é o mantenedor, e Shiva seu destruidor; Varuna é o senhor dos

mares, Durga (*Maya*) é a energia material, Vayu é o senhor do vento, Rahu é o da sombra e Bhumi é a personalidade do planeta Terra.

Neste momento, estabelecendo sua fé nas personalidades dévicas da criação material, começa a regular seus atos, palavras e até pensamentos, reconhecendo que nunca está só e que os semideuses estão vendo e ouvindo tudo. Yamaraj, o senhor da morte e do *karma*, anota no registro *akasha* (etérico) todas as atividades e desejos de cada criatura, trazendo a cada uma a reação de suas atividades. Yamaraj é também o Dhamaraj, o senhor das religiões, das ocupações reguladas conforme o *karma* para elevar as criaturas rumo à luz, à auto-realização e conseqüente realização de Deus, onde *Dharma*, em seu estágio final, permitirá o contato direto do indivíduo com a Personalidade de Deus, uma experiência direta concedida pelo próprio Senhor.

Dando continuidade à sua evolução pelos modos da natureza material e já alcançando situar-se no modo da bondade, a alma condicionada liga-se aos pensamentos do Criador. Adentra a consciência de Deus e passa a ter uma visão semelhante à dEle. Olha o céu cheio de estrelas e vê a si mesmo pequeno, infinitesimal (tal como Deus o vê). Passa a perceber a ordem existente em todas as coisas e pressente que tudo existe dentro do pensamento de uma grande mente universal, de um ser cósmico do qual cada coisa é parte, parcela.

Quando sua fé desperta um pouco mais, concedelhe a qualidade que lhe permite perceber a existência de Deus em todas as coisas — Sua onipresença.

O conceito *Vaisnava* define fé de forma peculiar.

Sridhar Maharaj disse que:

“Assim como o olho nos permite uma concepção do mundo-cor e o ouvido do mundo-som, a fé concede ingresso à percepção de Deus.”

A fé, vista como um sentido de percepção subjetivo, abre as portas da percepção espiritual. A fé no modo da bondade cresce ao ponto em que se obtém a associação de verdadeiros santos de comportamento impecável — mestres da Verdade — de quem se recebe conhecimento transcendental. Surge a necessidade do Guru, quem, a partir deste momento, passa a orientar a vida da alma condicionada no seu descondicionamento material e no despertar de sua consciência divina espiritual.

Com o auxílio de um Guru auto-realizado obtemos vivências pessoais do plano divino e, nisto, intensificamos nossa fé na direção suprema. Ele nos ensina a reconhecer o pensamento de Deus dentro de nós.

Deus é visto na forma universal — *virata-rupa* —, onipenetrante e onipresente.

Olha-se para trás e vê-se o longo caminho percorrido desde o modo da ignorância até o da bondade; vêem-se as várias pessoas ocupadas em suas atividades, sob o controle dos mesmos modos materiais, absortas e apegadas a seus afazeres mundanos; percebe-se a temporalidade da vida e o elo de continuidade entre as experiências de vida que se somam na consciência; vê-se a incoseqüência do esforço de alcançar a felicidade nas experiências dos sentidos do corpo físico, na riqueza, na fama ou no poder; pode-se perceber, pela primeira vez, a existência do corpo, da mente, da in-

teligência e do ego como separados e dependentes da consciência, esta energia espiritual que a todos anima. No modo da bondade surge, então, a vivência clara de que a realidade é toda composta de consciência — "Tudo flutua num oceano de consciência", dizia Sridhar Maharaj. Percebemo-nos como centelhas de consciência num todo consciente. E por ser consciência, a realidade nos observa e observamos a realidade. Pensamos e somos pensamento da realidade consciente. Nesta interrelação, a consciência percebe a consciência em tudo. E consciência significa pessoa, personalidade, individualidade e ego espiritual. Esta trilha desemboca, inexoravelmente, na realização de sermos a consciência que se conecta com Deus, percebendo-O e sendo por Ele percebidos. Deus, a Consciência Suprema, é o *Paramatma* onisciente, que ouve meus pensamentos, sentimentos e desejos; que percebe meus atos e, à medida em que eu também o desejo, auxilia-me em minha elevação espiritual; conduz-me a encontros elevantes e iluminantes; dá-me as intuições e a compreensão corretas. É meu companheiro constante; com Ele converso continuamente...

Nossa percepção eleva-se do aspecto onipresente do Senhor ao seu aspecto onisciente, o *Paramatma*.

Vida e morte, bem e mal, felicidade e tristeza, ganho-perda, vitória-derrota, e toda dualidade desta dimensão é vista como o mero campo de atividades — *ksetra*, a interação dos modos da natureza material — da alma espiritual, enquanto esta permanece condicionada.

No *Bhagavad-gita*, 5.18, Krsna diz:

“As almas inteligentes, que obtiveram as qualidades divinas e abandonaram todo preconceito mundano, percebem a transcendência absoluta dentro de todo ser vivente — o humilde e sábio *brahmana*, a vaca, o elefante, o cachorro e o desclassificado comedor de cachorro. Portanto são conhecidos como ‘*pan-ditas*’ — pessoas de verdadeira sabedoria.”

Neste estágio, transcendendo a realidade material e dotada de um conceito espiritual de si e de tudo, a alma — não mais condicionada — tendo alcançado a liberação, vê despertar em seu coração o gosto superior pela consciência teísta e almeja dedicar-se, continuamente, tanto em pensamentos, quanto em palavras e atos, ao serviço amoroso de Deus, cultivando então sua conexão interna (loga) com a Pessoa Suprema.

Tal serviço devocional — *Bhakti*-ioga — é conhecimento transcendental e o mais oculto tesouro confidencial. Inicia-se a partir da liberação da alma de seu condicionamento mundano e é concedido no processo descendente de sucessão discipular. Ainda que seja a genuína conexão com o Senhor, só é acessível àqueles a quem o próprio Senhor decide conceder sua graça divina. Deus reserva-se o direito de só se dar a conhecer a quem ele mesmo decide fazê-lo, e isto por sua doce e imotivada vontade.

Poderíamos ficar eternamente questionando: “Quem é Deus? O que Ele é? Como Ele é? Aonde mora? Como são suas atividades?” Poderíamos meditar nisso auxiliados pelos mais poderosos e refinados computadores que a inteligência humana pudesse criar; poderíamos sentar-nos à mesa e discutir as

opiniões de todos a respeito de Deus e poderíamos até mesmo chegar a algumas conclusões interessantes, cultas e brilhantes. Mas o conceito formulado por nossas inteligências diminutas, assim como na estória da Torre de Babel, jamais alcançará Deus em sua dimensão infinita. A inteligência é uma cobertura material da alma e de sua consciência, e não só não pode revelar a transcendência como a encobre.

O *Dharma* conforme os três modos da natureza material leva-nos ao ponto da liberação. Tal é a dádiva da inteligência — *buddhi*. Esta *buddhi*-ioga leva-nos até os limites fronteiros da realidade material e entrega-nos ao eu real, à realização de que somos feitos de *Cit*, consciência. Daqui pra frente, o que somos dependerá da vontade do Absoluto. O *Dharma* mundano desaparece junto com a influência dos modos da natureza. Em seu lugar surge o *Sat-dharma*, que é o *Dharma* eterno da alma espiritual.

O coração precisa somar-se à razão para ser capaz de revelar uma compreensão que transcende os limites individuais de cada um desses instrumentos. Ao iniciar a narração do *Bhagavat-Purana*, Sukadeva Goswami afirma que sua narrativa "...rejeita por completo todas as atividades religiosas motivadas materialmente e propõe a verdade mais elevada, compreensível tão-só por aqueles que, como devotos puros de coração, estão livres da inveja de Deus. A verdade mais elevada," continua o texto, "é a realidade que se distingue da ilusão." Esta *Maya* exerce sua influência iludinte ao forçar a alma espiritual à identificação do eu como sendo o corpo físico, a mente, o intelecto e o falso ego.

Tendo realizado sua eternidade, *Sat*, e sua consciência, *Cit*, resta realizar o aspecto *Ananda* de bem-aventurança, êxtase, charme, encanto, beleza.

Todas as criaturas do universo, desde Brahma, o primeiro ser vivo nascido dentro do mundo material, até a formiga insignificante, desejam provar algum tipo de sabor, alguma forma de prazer. Aliás, prazer é a busca comum a todos; sendo a força fundamental que move a Criação. (Condenar o prazer e sua procura é condenar a própria essência de nosso ser.) E este movimento, enquanto influenciado pelos modos da natureza (motivados materialmente), procura explorar *rasa*, o prazer, nas atividades materiais, seja por meio dos sentidos ou pelo desenvolvimento econômico, pela religião ou pela experiência de liberação. Exploração contrapõe-se à dedicação. Aquela ocorre quando a alma está condicionada pelos modos materiais.

Dedicação do ser ao Supremo inicia-se já no estágio transcendental e concede a mais refinada forma de prazer: *Ananda*, o prazer compartilhado com Deus.

Ao transcender os modos materiais, a alma assume sua capacidade total. O conhecer por meio da inteligência dá lugar ao conhecer por meio do coração, ao intuir da consciência. Fica para trás a mentalidade tomista do 'ver para crer' que é substituída pelo crer para ver. A fé passa a ser o sentido que suporta a vivência do Divino.

As instruções deixadas pelos santos e sábios, como faróis na tempestade, guiam o navegador solitário, em segurança, ao porto seguro e feliz. Por



sua graça e bondade obtém-se o gosto superior.

Não há qualificação de nossa parte que possa causar essa experiência. A consciência pura dos mestres interfere em nossa percepção e podemos “ver” o que eles vêem. Por alguns momentos abre-se a percepção da realidade ideal. Essa visão nos acompanhará, como uma isca, pelo resto de nossos dias eternos. E o que vemos?

Deus é uma pessoa muito linda, habitando eternamente Sua dimensão *chintamani* — construída de centelhas espirituais de consciência. Ele é um lindo jovem cuja beleza eterna e infinita não é igualada por milhões de cupidos, e cuja tez, moreno azulada e refulgente, atrai infinitas donzelas de opulenta beleza, em paragens pastoris ornadas de árvores-dos-desejos e habitadas por incontáveis vacas *surabhi* enfeitadas de jóias e flores. Seus cabelos negros cacheados emolduram Seu rosto de belos e grandes olhos negros e avermelhados, e Seu elegante nariz levemente arrebitado é a fonte da harmonia sonhada por artistas e cantada em versos escolhidos e em delírios inspirados pelos maiores poetas da Criação.

Aliás, a Arte nasce da beleza harmônica da forma transcendental de Deus. Afora isto Arte não tem sentido algum.

Em Suas lindas mãos segura uma invejável flauta de bambu de quem extrai os mais doces e melodiosos sons, que produzem todo o saber védico e atraem as consciências das almas, afogando-as em um oceano de amor puro, *Prema* — a quintessência dessa Sua dimensão espiritual.

Nesse Seu mundo transcendental, Ele tem como

único propósito experimentar o prazer máximo, o êxtase contínuo do amor, partilhado com Seus servos, amigos, parentes, namoradas e com cada criaturinha, mesmo a folhinha de grama consciente desta Sua morada espiritual, onde o “amá-IO sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” é a realidade eterna da existência.

Poder chegar a vivenciar que a Personalidade Suprema é Krsna, o todo-atraente, não é tarefa simples para as pequenas mentes e reduzidos intelectos de almas condicionadas ao preconceito.

Não aceitamos que Deus seja uma pessoa e, menos ainda, a pessoa plena e suprema da Criação, pois isso é inaceitável a nosso ego mundano que sente, “Como! Eu não sou a pessoa suprema da Criação?”

Conforme mencionei anteriormente, essa experiência de Deus é concedida em contato com os Mestres da Verdade, os *Vaisnavas*.

Um instante que seja dessa vivência incendeia uma revolução espiritual em nossas vidas e, semelhante a alguém que viu ou ouviu uma sereia encantada, levamos a vida, daí em diante, obcecados pela idéia de poder alcançar permanência na consciência de Krsna. Ao experimentá-la inicialmente e por empréstimo, chegamos a pensar que: “Sim, isto é muito belo! Eu sou assim; esta é a minha consciência imortal (*chaitanya charitamrta*). Sinto-me em casa aqui, de volta ao lar, de volta ao Supremo. Obtive minha máxima aspiração.”

A culminância na experiência do *Sat-dharma*, no despertar de nossa religiosidade, ocorre ao podermos

encarar o conceito Krsna da Realidade Suprema sem preconceitos ou inveja e no espírito de dedicação ao serviço de Seus devotos e amantes mais íntimos.

Assim como acontece na Sua dança *rasa* transcendental, Krsna desaparece de nossa visão, e, nessa separação, crescem os sentimentos de saudades da experiência vivida que aproximam o amante do amado. Manifestam-se então, na consciência, as qualidades da humildade, tolerância, oferenda de honra a outros, libertação dos desejos de prazer sensual, de riqueza, fama, seguidores, de poder, reconhecimento, etc. Reconhece-se que a experiência direta de Deus só foi possível pela graça divina dos *Vaisnavas*. Passa-se a querer viver na exclusiva associação dos *Vaisnavas*, esperando o dia de poder reviver essa experiência religiosa. “Quem sabe os *Vaisnavas* sentirão compaixão por minha condição caída e, mostrando que são *patita pavana* — os mais misericordiosos para com as almas mais caídas — elevar-me-ão até a consciência de Deus, a consciência de Krsna.”

...



## A CRIAÇÃO

---

Ao falar de criação, os *Vaisnavas* referem-se tão-só à criação das dimensões materiais, que são os mundos percebidos pelos sentidos externos e a mente, desde que seus textos sagrados afirmam que os mundos espirituais tem existência *Sat-Cit-Ananda*, eterna, consciente e bem-aventurada.

O cosmos material de nossa experiência sensorial não se limita, em sua composição orgânica, aos cinco elementos físicos (terra, água, fogo, ar e éter), mas é composto, também, e na descrição do *Srimad-Bhagavatam*, por mais três elementos sutis (mente, inteligência e falso-ego). Portanto, ao configurarem a cosmografia dos mundos materiais, os sábios védicos de visão holística descrevem realidade como composta desses oito elementos.

Atualmente, nosso sentido de visão está limitado a perceber apenas aquilo que é mais denso que os elementos que o constituem. Podemos, parcialmente, ver o que é feito de terra e água, sendo impossível ver os elementos ar, éter, mente, inteligência e ego.

Entretanto, o *Srimad-Bhagavatam* e o *Bhagavad-gita*, descrevem a criação material como composta desses oito elementos; descrevem a realidade como multi-dimensional.

É impossível desenharem-se os limites entre a estrutura mais sutil e a mais grosseira da Criação

material, afora do campo experimental da loga.

O *Srimad-Bhagavatam* narra a existência de semideuses de corpos sutis visitando a Terra; mostra que em outras eras, pré *Kali-yuga* (nossa era cósmica atual que se iniciou há 5120 anos), nossos sentidos de percepção permitiam-nos ver e ouvir esferas de realidade mais sutis.

Assim, ao apresentar o modelo da criação segundo a cosmofia védica, levo em consideração nossas limitações atuais, sem me preocupar em descrever os limites entre o que é sutil e o que é físico no quadro global, deixando ao leitor a tarefa de intuir as diferenças.

Em nossa própria vida, experimentamos que o corpo físico está muito mesclado ao corpo sutil — feito de mente inteligência e ego —, e seria impróprio ou demonstrativo de visão limitada descrever uma pessoa como sendo apenas a soma dos constituintes que podemos observar com nossos olhos densos.

O *Bhagavad-gita* afirma existir uma visão divina, olhos espirituais capazes de perceber a realidade completa, composta de todos os seus ingredientes. É claro que se estivéssemos de posse dessa visão seríamos capazes de ver o quadro total da realidade composta de terra, água, fogo, ar, éter, mente, intelecto, ego, tempo eterno, consciência, identidade espiritual e vontade do Absoluto.

Convido o leitor a elevar sua visão do mero plano físico, ao menos ao plano da inteligência e, armado desta visão, a acompanhar-me nesta viagem pelos mundos ou diversas realidades, conforme a descrição dos textos Vaisnavas.

Os mundos materiais reciclam sua existência e neles tudo é notadamente temporário, repleto de misérias e inconsciência ou ignorância.

## **O Porquê da Criação Material**

Justifica-se a necessidade de uma criação material para garantir a manifestação do livre-arbítrio da entidade vivente que deseja explorar a realidade para o seu benefício pessoal. Os mundos materiais servem ao propósito de permitir a manifestação da consciência da entidade vivente no processo de evolução subjetiva, que, antes de ingressar na matéria, situa-se num estágio de dormência total, submersa no *Todo-Brahman*, ou no *Brahmanjyotir*, antes de ser injetada no ovo dourado do universo material.

Uma vez na matéria, após evoluir pelas 8.400.000 formas variadas de vida (que permitem uma gradação no despertar da consciência) e tendo alcançado por fim a forma humana, a alma individual tem a possibilidade de manifestar a consciência plena, disponível, potencialmente, a cada criatura: a consciência de Deus, a consciência de Krsna.

## **O Início da Criação Material**

Conforme Srila Sridhar Maharaj, o *Manu-Samhita* descreve assim o início da criação material:

"Antes mesmo que o movimento de criação acontecesse, as entidades viventes, as almas espirituais, encontravam-se em um estado de equilíbrio e plenamente absortas num profundo sono e torpor, igno-

rantes da realidade e de si mesmas. Nesse estado, não havia possibilidade de avaliação do que fosse a realidade, desde que esta ainda não manifestava nenhum sintoma que permitisse sua percepção. Esse estado de existência é inescrutável a qualquer pesquisa científica, pois a inteligência não tem acesso ao que existe preliminar a seu despertar ou nascimento. O *Manu-Samhita* designa esta situação como sendo *aprajñatam*: inescrutável pela ciência mundana. A realidade material encontrava-se mergulhada em profundo sono.

"...O movimento tem início dentro do plano espiritual e surge a luz. Os videntes viram luz. Essa luz era pre-existente, mas nesse momento os videntes puderam receber a visão da luz. Começaram a ver. O primeiro conceito deste mundo material após a luz foi a água. A luz revelou uma substância parecida à água.

Essa luz primal é comparada à personalidade. Luz significa consciência e consciência significa personalidade. Essa luz, ou personalidade, primeiro fez nascer os videntes — aqueles que sentem a existência material — e, em seguida, a uma substância objetiva semelhante à água. Essa água é conhecida como o *viraja*, ou a substância causal que é representada por água. O mundo consciente é representado por luz, e a primeira realidade objetiva é representada como água. Nisto, as sementes de consciência são semeadas nessa água causal que é a sombra dessa luz...Assim tem início a criação inferior ."

Essa energia de consciência representada pela luz, misturada com a massa de matéria vem a ser conhecida como o *mahat-tattva*.



O processo de criação material inicia-se a partir do momento em que Krsna se expande, do mundo transcendental, na forma do Maha-Visnu de quatro braços, com seu corpo transcendental imenso embebido das entidades viventes e dos globos dourados universais, os *brahmandas*.

O *Srimad-Bhagavatam* descreve que:

“A totalidade dos elementos materiais é produzida quando o equilíbrio da combinação dos três modos da natureza (bondade, paixão e ignorância) é agitado pela atividade invisível da entidade viva, por Maha-Visnu e pela força do tempo.”

A dimensão infinita espiritual, reserva uma quarta parte do espaço total, para conter a criação dos universos e realidades materiais. Tal espaço é conhecido como o *mahat-tattva*, o oceano causal, composto em seu estado imanifesto, das oito substâncias materiais: ego, inteligência, mente, éter, ar, fogo, água e terra. Nele, os modos interagem movidos pela presença do Senhor Supremo, Maha-Vishnu, quem, ao se deitar nesse oceano causal, entra em estado de *Ioga-nidra* — o sono criativo —, iniciando a criação material. Neste momento, dos poros de seu corpo transcendental brotam incontáveis glóbulos dourados, que se distanciam do seu corpo expandindo-se, proporcionalmente á velocidade e distância, e flutuam, silenciosos, em meio ao espaço do *mahat-tattva*.

As dimensões dessa realidade são imensuráveis pelas medidas por nós conhecidas; aliás nosso quadro atual da realidade limita-se à informação tri-dimensional, desde que não podemos conceber o que esteja fora desses limites. (Esta informação só pode vir a ser

conhecida através do processo do conhecimento descendente, que passa pelo médium do próprio Brahma, o primeiro ser criado dentro dos universos materiais, e chega a nós através do Mestre espiritual).

Ao analisar a constituição de um destes brilhantes ovos dourados universais, observaremos que, do interior ao exterior, cobre-se de camadas sucessivas e dez vezes mais vastas que a anterior.

A primeira substância externa ao globo universal é a *pradhana*, ou a energia material imanifesta, seguida da camada de ego, intelecto e mente, compondo, estas três últimas, as energias sutis da matéria.

Adentrando o globo universal além da camada mental encontramos a substância éter ou espaço inter-atômico, seguida da camada de ar, fogo, água e por fim terra.

Perfurando a última camada de cobertura universal, que é a mais densa, caímos no escuro espaço interno universal e esférico, repleto pela metade por porção considerável da mesma água do oceano causal, o *mahat-tattva*, aonde vimos que o Maha-Vishnu repousa e sonha a criação.

Por meio de seus inconcebíveis poderes místicos, Maha-Vishnu, também conhecido como o Karanodakasayi Vishnu ou o Vishnu Causal, expande-se, infinitamente, para adentrar cada um dos globos dourados universais, onde se deita na cama produzida pela sagrada serpente Anantasesa, acompanhado por Laksmidevi, a Deusa da Fortuna, que lhe massageia os pés.

Neste ponto, estão manifestos infinitos universos, e o Maha-Vishnu expandiu-se também em infinitos

Garbhodakasayi Vishnus para dar início à criação interna dos universos materiais.

## **A Criação Interna Universal**

O *Srimad-Bhagavatam* dá-nos a descrição vívida do processo de criação, que se estabelece a seguir, dentro de cada um dos infinitos universos materiais:

"O Senhor fixa então sua atenção no assunto sutil da criação, fazendo com que do lago de lótus que forma seu umbigo nasça a forma sutil da criação.

"Ao irromper, esta forma-soma-total da atividade frutiva das entidades vivas toma a configuração do botão de uma flor de lótus gerada da Personalidade de Vishnu e, por Sua Vontade Suprema, ilumina tudo, tal qual o sol, secando as vastas águas da devastação (da criação e destruição anteriores).

"O Senhor Vishnu entra pessoalmente como a Superalma naquela flor de lótus universal e, ao ser então impregnada com todos os modos da natureza material, surge a personalidade da sabedoria védica, a quem designamos como o auto-gerado: Brahma.

"Nascido da flor de lótus Brahma não pôde ver o mundo, embora estivesse situado no verticilo. Ele então circumambulou todo o espaço e, enquanto girava os olhos em todas as direções, obteve quatro cabeças em termos das quatro direções.

"O Senhor Brahma, situado no lótus, não pôde entender perfeitamente a Criação, o lótus ou a si.

"Ao final do milênio, o ar da devastação começa a agitar a água e o lótus em grandes ondas circulares.

"Em sua ignorância, o Senhor Brahma contemplou: 'Quem sou eu que estou situado em cima deste lótus? De onde ele brotou? Deve haver algo em baixo, e aquilo de onde cresceu este lótus deve estar dentro da água.'

"Contemplando dessa forma, o Senhor Brahma entra na água através do canal do caule do lótus. Mas, apesar de ter entrado no caule e se aproximado do umbigo de Vishnu, não consegue descobrir a raiz."

Podemos aproximar-nos do Senhor Supremo por meio de nosso esforço pessoal, mas sem a misericórdia do Senhor não poderemos alcançar o objetivo final que ficará sempre mais refinado e sutil que nossos meios.

É impossível conhecermos a causa última de tudo pelo método empírico da especulação filosófica, o que foi visto pelo Senhor Brahma nesta sua incursão em busca da sua origem, caule a dentro.

É óbvio que a causa da flor e do próprio Senhor Brahma situa-se além, e transcendente à própria flor.

O *Srimad-Bhagavatam* continua sua descrição da Criação material:

"Foi assim... e sendo incapaz de alcançar o destino desejado, que desiste dessa sua busca externa. Volta, novamente, para cima do lótus e, controlando todos os objetivos, concentra sua mente no Senhor Supremo.

"Ao fim de cem anos de Brahma, ao encerrar sua meditação, Brahma desenvolveu o conhecimento necessário e, como resultado, pôde ver, em seu coração, o Supremo dentro de si, o qual não pudera ver anteriormente, nem mesmo com o maior esforço."

O conhecimento transcendental manifestou-se a Brahma na forma do som transcendental, que é o som da flauta de Krsna. Ao alcançar esse som original, viu que este se transformara, dentro da sua consciência, no *mantra* Gayatri, o som-semente primordial da criação. Em sua meditação centenária, Brahma viu o *mantra* Gayatri desdobrar-se, manifestando todos os aspectos do conhecimento transcendental, os quatro Vedas, através de suas quatro bocas, tornando-se capaz, desse modo, de produzir todas as variedades necessárias ao *karma* de todas as entidades vivas condicionadas.

“Em seguida, ele viu que o lótus no qual estava situado espalhava-se por todo o universo, ao que contemplou como criar todos os planetas que anteriormente estiveram fundidos naquele mesmo lótus.”

Desde que o processo de criação é cíclico, a presente descrição refere-se à recriação dos universos materiais após a dissolução total que ocorre ao fim do dia e da vida do Brahma.

“Ocupado assim no serviço à Suprema Personalidade de Deus, o Senhor Brahma entrou no verticilo do lótus e, como estivesse expandido por todo o universo, dividiu-o em três seções e mais tarde em catorze (...) divisões planetárias para serem habitadas pelos diferentes tipos de entidades vivas.”

### **Nove Criações e Mais Uma**

O *Srimad-Bhagavatam* descreve nove criações ou estágios de criação material, e mais uma:

“A primeira é a criação do *mahat-tattva*, ou a

soma total dos ingredientes materiais. Na segunda criação é gerado o falso ego, onde surgem os ingredientes materiais, o conhecimento material e as atividades materiais. Na terceira criação são criadas as percepções dos sentidos de quem se originam os elementos (terra-massa-tato-pele, água-sabores-paladar-língua, fogo-cor-visão-olhos, ar-aroma-olfato-nariz, e éter-som-audição-ouvido). A quarta criação é a do conhecimento e da capacidade de trabalho. A quinta criação é a das Deidades controladoras, pela interação do modo da bondade, do qual a mente é a soma total. A sexta criação é a escuridão ignorante da entidade viva, devido à qual até o amo age como um tolo. A sétima criação é a das entidades imóveis. A oitava criação é a das espécies inferiores de vida...todas elas tolas e ignorantes. (Elas reconhecem os objetos que desejam pelo olfato, mas são incapazes de se lembrar de algo no âmago do coração). A nona criação é a dos seres humanos, que são de uma única espécie e que armazenam seus comestíveis no estômago. (Na raça humana o modo da paixão sobressai muito. Os humanos estão sempre atarefados em meio a uma vida miserável, mas consideram-se felizes sob todos os aspectos). Depois destes surge a criação dos semi-deuses em suas múltiplas variedades."

"As quatro últimas são criadas pelo Senhor Brahma a partir da direta inspiração do Senhor Supremo, Vishnu.

"Na criação, durante o dia de Brahma, os três sistemas planetários — *Svarga*, *Martya* e *Patala* — giram, e os habitantes, incluindo animais inferiores, os seres humanos, os semideuses e *Pitas* (os ancestrais),

aparecem e desaparecem de acordo a suas atividades frutivas.

"A Suprema Personalidade de Deus aparece, em cada mudança de Manu, manifestando sua potência interna em diversas encarnações... Assim ele mantém o universo.

"Ao final do dia, sob a insignificante porção do modo da escuridão, a poderosa manifestação do universo funde-se na escuridão da noite. Pela influência do tempo eterno, as inumeráveis entidades vivas permanecem submersas nesta dissolução, e tudo fica silencioso.

"Quando acontece a noite de Brahma, todos os três mundos desaparecem, e o sol e a lua ficam sem brilho... A devastação ocorre devido ao fogo que emana da boca de Sankarsana, Anantasesa, e, assim, grandes sábios como Brghu e outros habitantes de *Maharloka* transportam-se para *Janaloka*, aflitos pelo calor do fogo ardente que grassa pelos três mundos abaixo.

"No início da devastação, todos os mares transbordam, e ventos ciclônicos sopram violentamente. Destarte, as ondas dos mares tornam-se bravias, e, num instante, os três mundos ficam inundados de água.

"O tempo eterno é certamente o controlador das diferentes dimensões, desde a do átomo até as superdivisões da duração da vida de Brahma, embora seja controlado pelo Senhor Supremo. O tempo só pode controlar aqueles dotados de uma consciência corpórea...

"Mas, antes de criar as diferentes entidades vivas

em diferentes variedades de espécies, o Senhor Brahma criou primeiramente as ocupações de nescidade tais como a auto-decepção, o sentido da morte, a ira após a frustração, o sentido de falsa propriedade e a concepção corpórea ilusória, ou o esquecimento de nossa verdadeira identidade. Ao ver essa criação desencaminhadora como uma tarefa pecaminosa, Brahma não sentiu muito prazer em sua atividade e por isso purificou-se pela meditação na Personalidade de Deus. Então, ele começou outro período da criação. Criou então os sábios que eram totalmente despojados do desejo de adotar atividades materialistas. Depois de gerar seus 'filhos' ordenou-lhes que gerassem progênie."

A fim de permitir o amálgama da entidade viva espiritual com os elementos materiais, Maha-Vishnu expande-se transformando-se em Rudra, Shiva. O Senhor Shiva, ainda que uma expansão de Vishnu, tem características próprias irreduzíveis. O exemplo dado é o do iogurte que, sendo uma transformação do leite, nem pode deixar de ser considerado como leite e jamais pode retornar ao estado leite. O Senhor Shiva é uma eterna transformação de Vishnu e, ainda que é Vishnu-*tattva* é eternamente diferenciado dele. A fim de ativar o amálgama da alma espiritual com os elementos de *Maya*, da natureza material, o Senhor Shiva, em sua relação conjugal com *Maya* injeta-lhe no ventre as centelhas espirituais de consciência.

Há simultaneidade de existência das dimensões espiritual e material (sendo que esta última ora é criada, ora aniquilada para ser novamente recriada). Enquanto as dimensões materiais servem ao pro-



pósito de permitir que a unidade espiritual de consciência explore em benefício próprio parte da Criação, manifestando sua diminuta independência do Senhor, as dimensões espirituais facilitam a manifestação da consciência de dedicação amorosa a Deus.

A alma espiritual, potência marginal do Senhor Supremo, e oriunda do *Brahman*, tem sua grande oportunidade nesta criação material, por poder conectar-se aos Mestres Espirituais e ser por eles orientada na purificação da sua consciência de qualquer vestígio de luxúria, inveja, cobiça, orgulho e ira, podendo, desse modo, elevar-se e tornarse elegível de ingressar nas superiores dimensões espirituais onde habitam o Senhor Supremo e seus devotos.

Ao manifestar uma qualidade superior de consciência, surge a possibilidade de se utilizar um maior grau de livre-arbítrio. A liberdade é proporcional à consciência individual. E a maior liberdade, quando utilizada corretamente, conduz a alma espiritual a querer entregar-se plenamente à vontade do Senhor Supremo.

### **Viagem pelas Dimensões**

No extraordinário texto *Brhat-Bhagavatamrtam*, do século XVI, seu autor, o mestre Vaisnava Srila Sanatana Goswami, descreve a elevação gradual da entidade viva, passando pelas também progressivas dimensões da realidade. As dimensões são analisadas conforme seu maior ou menor grau de conexão ao Centro Absoluto. Essa conexão dá-se por meio da devoção amorosa e, quanto maior for o amor mais

próximo se estará da Suprema Personalidade de Deus, Sri Krsna. Nesse livro, apresenta-se, clara e progressivamente, o conceito de uma realidade que é vista como um espaço multi-dimensional.

O jovem Gopakumara, auxiliado pelo processo de meditação no *mantra* que recebeu de seu Guru, vê-se sendo elevado gradualmente de um nível de existência ao próximo, onde encontra um conceito sempre mais generoso e expandido do Senhor Supremo. Sua motivação é a busca de uma maior intimidade na sua relação amorosa com Deus e, tendo isto fixo em sua mente ao cantar o *mantra* que recebera de seu Gurudeva, vê abrirem-se as portas das dimensões progressivas onde os seus habitantes mantêm uma relação sempre mais próxima em seu serviço devocional ao Senhor Supremo em suas formas como a Divindade no templo, o Visnu deitado no oceano causal, o Narayana dos Vaikuntha, o Senhor Rama, o Senhor Krsna em Dwaraka, depois em Mathura e, por fim, em Vrindavana, onde estão manifestas todas as formas de relacionamento amoroso possíveis.

Desde seu ponto de vista superior e tendo acesso à totalidade dos *lokas* ou espaços pluri-dimensionais, Krsna estabelece que Sua criação será percebida pelas diferentes criaturas conforme variados conjuntos de realidades ou conceitos de espaço-tempo. Isto não deveria ser muito difícil de ser aceito, desde que até mesmo nos conceitos observáveis da moderna matemática quântica, nem o átomo pode ser representado no espaço tri-dimensional nosso conhecido, exigindo um tipo de espaço que seja dimensionalmente infinito (conhecido como o espaço Hilbert).

Para termos uma visão global dessa realidade multi-dimensional dos *Vaisnavas*, e armados do conhecimento do *Brahman*, *Paramatma*, *Bhagavan*, do sistema iogue e dos conceitos múltiplos de *Dharma*, tomamos, como o Gopakumara de Sanatan Goswami, o *mantra* que recebemos de nosso Gurudeva e iniciamos uma viagem que nos levará a uma visão panorâmica da Criação:

*Hare Krsna Hare Krsna Krsna Krsna Hare Hare*  
*Hare Rama Hare Rama Rama Rama Hare Hare*

O *mantra* lentamente adentra a consciência pelo sentido da audição convertendo-se, de vibração sonora externa, em códigos sutis, após ser decodificado pelos neurônios do cérebro encarregados da audição.

Esta forma sutil do *mantra*, projeta-se em sensações além-éter, no espelho da mente, comprovando a existência de um sentido de percepção mais sutil que os sentidos externos.

Na mente, contemplamos a vibração do *mantra* e as emoções que ele evoca com as lembranças do momento em que o recebemos de Srila Gurudeva. Pensamos, sentimos e nos emocionamos com a memória do conceito que o *mantra* está imbuído do próprio Senhor Supremo, tal como a potência de um remédio homeopático está embebido no glóbulo.

Nossa inteligência faz seu aparecimento e nos ajuda a contemplarmos a bela filosofia *Vaisnava*, e os seus ensinamentos encantam nosso ser.

Vendo nossa pequenez diante da lembrança da grandiosidade desta informação, nosso ego diminui,

sentindo-se humilde como um pedaço de capim seco e abrindo passagem ao *mantra*.

Nossa consciência persegue a trajetória do *mantra* que, neste instante, atravessa as fronteiras do mundo material interno apontando a direção do mundo espiritual.

Deste ponto em diante, fecham-se os sentidos de percepção externa, encerra-se a função da mente, do intelecto e do ego materiais, todos eles substâncias separadas da consciência que ora emerge luminosa, indo atrás da vibração sonora do *mantra* que não mais está sendo produzido por nossa língua e nem ouvido pelo ouvido, mas que, existindo independente de nossa vontade, aprisiona nossa consciência com sentimentos de puro êxtase diante da perspectiva de ingressarmos nas dimensões espirituais.

As múltiplas dimensões e mundos materiais ficaram para trás: *Bhurloka*, *Bhuvar-loka*, *Svargaloka*, *Jana-loka*, *Tapo-loka*, *Satya-loka*, *Brahmaloka*, *Shiva-loka*... e, agora, alcançamos o *mahatattva* que é visto como o Viraja, o rio limítrofe entre os mundos materiais — voltados ao lado externo e objetivo da realidade —, e os mundos espirituais — internos ou subjetivos.

O *mantra* vibra, e, em seu encaço, afastamo-nos dando as costas ao plano material da Criação.

Os universos materiais, como glóbulos dourados flutuam expandindo-se numa inebriante coreografia transcendente por sobre o espaço do corpo adormecido de Maha-Vishnu.

Incontáveis criaturas entram e saem desses glóbulos dourados. São os *parsadas*, os devotos eternos do

Senhor Supremo que, com seus corpos espirituais, penetram as coberturas materiais dos universos a fim de levar este conhecimento às almas condicionadas para libertá-las do cativo material da roda de *samsara*, dos repetidos nascimentos e mortes dentro da inconsciência de Deus.

O *mantra* vibra agora por toda parte.

À frente, na direção da intensa luminosidade espiritual do *Brahmanjyotir*, e à medida em que somos atraídos pelo *mantra*, surgem, também brilhantes como milhões de sóis, os *Vaikunthas*, os mundos espirituais onde o Senhor Supremo habita em sua forma transcendental de *Narayana* rodeado de seus devotos amorosos, reverentes e respeitosos.

Nosso desejo de servir ao Senhor Supremo enraíza-se nos ensinamentos de *Gurudeva*.

Penso nele e ele está ali. Não mais o Guru interior, ou o Guru-consciência que, nos mundos materiais, instruiu-nos, internamente. Agora — nesse mundo que já é interno, subjetivo —, o Guru faz seu aparecimento diante de mim em sua forma eterna de consciência e bem-aventurança. Pega-me pela mão e me conduz pelo espaço *Brahman* existente entre os magníficos *Vaikuntha*.

Deslocamo-nos por sobre as paisagens celestiais. Tudo é feito de substância luminosa, de *almas-jiva*, conforme *Gurudeva* ensinara.

Estou muito feliz de vê-lo. Meu coração, enternecido, prostra-me a seus pés. Levanta-me, abraça-me e, novamente, toma-me pela mão. Meus olhos mal enchem-se, marejados de emoção.

Ao longe, logo começo a perceber tornando-se

visível à consciência, uma gigantesca esfera. Melhor vendo, percebo tratar-se de uma gigantesca flor de lótus rosada e luminosa. É para lá que Gurudeva está me levando. Mergulhamos pétalas a dentro.

O *mantra* parece provir de todas as direções, vibrando ainda no âmago de meu ser.

Lá embaixo está o campo verdejante de Goloka Vrndavana. Arvoredos, Bosques, o rio Yamuna, as vaquinhas com seus bezerros, flores, grama... tudo conforme aprendi nos textos *Vaisnavas*... e, ao longe, à margem do rio, Krsna brinca com seus companheiros.

Ao nos ver chegar, Krsna corre em nossa direção, abraça Gurudeva e, com lágrimas nos olhos, dirige-se a mim, emocionado, com a voz embargada dizendo: "...você veio! Você veio a Mim, passando por tantos problemas! Tanto tempo esperei por você!"

Quando me dá um beijo nas bochechas, tudo o mais perde a importância. O êxtase é tamanho que as emoções explodem todas juntas numa apoteótica sinfonia de *Krsna-Prema*, do amor puro da criatura pelo Criador.

Este é o final da viagem. Não há mais para onde ir. Chegamos ao Lar infinito, ao mundo original onde tudo existe conectado ao Centro Absoluto que se entrega a cada um de nós embalado por nosso amor. Esta é a dimensão total, oniatraente, onisciente, e onibrincalhona do Supremo. Esta é a Criação real, original e pura. Tudo o mais é mero reflexo pervertido, e só.

...



“

Os vários níveis de religião organizada atendem ao propósito de elevar progressivamente as pessoas ao estado de religiosidade genuína. Estas não conflitam entre si do mesmo modo que as várias séries do sistema de educação avançam, complementando-se na seqüência sempre mais abrangente.

---

A inteligência é apenas uma cobertura material da alma e de sua consciência, e além de ser incapaz de revelar a transcendência ainda a encobre.

---

O Vaisnava é o melhor amigo e bem-querente que poderíamos encontrar, pois, não só não deseja nos explorar, como deseja poder ajudar-nos a libertar nossa consciência de todo tipo de engodo e ilusão. Ele é o verdadeiro Guru ou Mestre de nossa alma.

---

Ascetas e iogues, na Índia, há já séculos e mesmo — por que não dizer — milênios, têm-se ocupado em investigar a realidade da morte em busca da possibilidade de transcendê-la. É desta investigação que convergem os inúmeros sistemas de loga...

---

Convido o leitor a elevar sua visão do mero plano físico, ao menos, ao plano da inteligência e, armado dessa visão, a acompanhar-me nesta viagem pelos mundos ou diversas realidades, conforme descrição dos textos Vaisnavas.

”